



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES PROFARTES – UFRN**

RAFAELY VASCONCELOS LEITE CAVALCANTE

**O PROCESSO CRIATIVO AZUL TURQUESA COMO PRÁTICA EDUCATIVA
E ENFRENTAMENTO DO BULLYING NA ESCOLA**

NATAL/RN

2020

RAFAELY VASCONCELOS LEITE CAVALCANTE

**O PROCESSO CRIATIVO AZUL TURQUESA COMO PRÁTICA EDUCATIVA
E ENFRENTAMENTO DO BULLYING NA ESCOLA**

Artigo apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Artes, Mestrado Profissional em Ensino de Artes em Rede Nacional – PROFARTES/UFRN, para a obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Vieira de Souza.

NATAL/RN

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Departamento de Artes - DEART

Cavalcante, Rafaely Vasconcelos Leite.

O processo criativo Azul Turquesa como prática educativa e enfrentamento do bullying na escola / Rafaely Vasconcelos Leite Cavalcante. - 2020.

66 f.: il.

TCC (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Mestrado

Profissional em Artes, Natal, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Vieira de Souza.

1. Teatro. 2. Educação. 3. Pensamento criativo. 4. Bullying.

5. Assédio nas escolas. I. Souza, Marcílio Vieira de. II. Título.

RN/UF/BS-DEART

CDU 792

BANCA EXAMINADORA

Artigo apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Artes, Mestrado Profissional em Ensino de Artes em Rede Nacional – PROFARTES/UFRN, para a obtenção do título de Mestra.

Prof. Dr. Marcílio de Souza Vieira – PROFARTES/UFRN

Orientador - Presidente

Dra. Marineide da Silva Furtado – PROFARTES/UFRN

Membro Interno

Prof. Dr. Jonas de Lima Sales - UNB

Examinador Externo

Profa. Dra. Karyne Dias Coutinho PPGArC/UFRN

Examinador Externo ao Programa

A meu pai (*in memorian*), que foi
presente e ensinou tanto em tão
pouco tempo ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, ao Universo e a todas as energias positivas existentes, que sempre me guiaram, mesmo quando estive relutante.

Ao meu pai (*in memorian*), que me amou desde o instante em que existi. Que sempre esteve ao meu lado, mesmo eu tendo sido uma criança e uma jovem tão difícil. Que me retribuía amor; que me protegeu tantas vezes em que não mereci. Sou grata por ter sido meu pai durante exatos 17 anos e pelos ensinamentos, broncas, abraços, carinho e amor a que me dedicou. Sou grata pela disciplina, pelo caráter e por ter sido meu exemplo. Sou grata pelo que me tornei hoje e pelo que me tornarei amanhã.

A minha mãe, por toda dedicação de uma vida, pelo cuidado e por seu amor. Em muitos aspectos somos tão parecidas, obrigada por me ensinar a ser forte!

A minha irmã, que precisou assumir a responsabilidade de cuidar de mim tão cedo. Sou grata por você vibrar, comemorar comigo e de estar ao meu lado em momentos todos os momentos sejam eles bons ou ruins. Tenho muito orgulho das suas conquistas e de ser sua irmã. Somos muito diferentes e brigamos inúmeras vezes, porém existe um laço que nos mantém juntas até hoje, o amor. Sou grata também por você manter nossa família (eu, você e mainha) sempre fortalecida.

A Édria e Raquel, que estiveram presentes em momentos de muito riso e choro em minha vida. Pela força que me deram para continuar, para não desistir, nem que fosse pela força do ódio. Obrigada, pela amizade.

A Viviane, por todo o apoio e incentivo, é um exemplo de determinação.

Ao professor Dr. Marcílio Vieira, pela paciência e orientação em meu processo de construção durante o mestrado.

A professora Dra. Marineide Furtado, que foi muito importante para a construção do artigo, que gentilmente contribuiu para a melhoria dele. Por ter me socorrido quando eu não sabia para onde ir. Obrigada pelo carinho dedicado a nossa turma.

A professora Dra. Arlete Petry, pela atenção e carinho em um momento tão estranho o qual estamos vivendo e por todas as orientações e esclarecimentos durante o mestrado.

A professora Dra. Karyne Coutinho, pela gentileza de participar da minha banca de qualificação e por ter contribuído tanto para a construção do trabalho final.

A Rozilene Figueiredo, pelo apoio, enquanto foi gestora da E.E. Prof. Paulo Pinheiro de Viveiros. Muitas das conquistas que tivemos (Cia de Teatro Mythos) só foram possíveis por sua dedicação.

A Tatiana Guimarães, pela compreensão durante minhas ausências e pela paciência ao lidar comigo nessa jornada.

Aos meus colegas e amigos do mestrado, pelos encontros, risadas, reclamações e tantas trocas que pudemos desfrutar nesses anos juntos.

A UFRN e ao ProfArtes, pela oportunidade de ensino e formação.

A Cia de Teatro Mythos, em especial, por confiarem em mim, por aceitarem os desafios e loucuras propostos. Sou grata por vocês me permitirem experenciar tanta coisa junto a vocês. Obrigada pela dedicação ao grupo, por segurarem a barra quando estive um pouco ausente, por se desnudarem e se permitirem tanto. Todos os dias aprendo com vocês.

As minhas filhas (pets), que são minha troca de amor diárias, por deitarem no meu material de trabalho, por estarem ao meu lado para que eu não me sinta só, pelos afagos e carinhos trocados.

A Bruno Nascimento, pela revisão do meu trabalho, pelas conversas e trocas, pela amizade e carinho.

A todas as pessoas que passaram pela minha vida e que, de alguma, foram colaboradores no meu processo de transformação.

Quem é você? perguntou a Lagarta.

(...) Eu... mal sei, Sir, neste exato momento...
pelo menos sei quem eu era quando me
levantei esta manhã, mas acho que já passei
por várias mudanças desde então.

(Lewis Carrol)

RESUMO

Trata-se de um artigo cujo objetivo é apresentar o resultado de um trabalho como prática educativa realizado na Escola Estadual Professor Paulo Pinheiro de Viveiros, localizada no bairro Lagoa Azul, na Zona Norte de Natal/RN, através do processo criativo desenvolvido pela Cia. de Teatro Mythos, com a finalidade de enfrentar o *bullying* que vem ocorrendo na escola campo de pesquisa e no seu entorno. O trabalho se justifica, pois busca quebrar alguns paradigmas a respeito do *bullying*, trazendo à reflexão os envolvidos para que venham a ser tomadas medidas sociais e educativas, de maneira que esse problema seja enfrentado de forma mais eficaz. O espetáculo Azul Turquesa está pautado em uma construção cênica colaborativa, tendo como referência o teatro antropológico de Eugênio Barba (1994); o papel do professor e da escola embasados na discussão de Walter Kohan (2015); os estudos de Beaudoin & Taylor (2006), que tratam do *bullying* e desrespeito, uma cultura que deve ser extinta da escola; as discussões feitas por Ana Beatriz Silva (2015), no seu livro *Bullying: mentes perigosas nas escolas*, dentre outros. Tomamos, portanto, como metodologia para a abordagem do tema, uma pesquisa descritiva qualitativa, considerando o estudo de caso, como estratégia para a expressão da realidade estudada, conforme (YIN, 2005; STKE, 2013; ANDRÉ, 1984; BOGDAN & BIKLEN, 1994), bem como uma observação participante, tendo em vista, como pesquisadora e coordenadora, estar inserida dentro do cotidiano do grupo (BECKER, 1994). As questões de pesquisa que norteiam nosso estudo são: diante das vivências dos alunos, dentro e fora da escola, quais são as possibilidades de enfrentamento ao *bullying*? Dentro do Ensino do Teatro, como o processo criativo pode colaborar com o enfrentamento do *bullying* escolar? Isto posto, consideramos nosso estudo relevante, uma vez que, como metodologia, poderá contribuir para a melhoria das relações humanas e de respeito na escola.

Palavras chaves: Teatro; Educação; Processo Criativo; *Bullying*.

ABSTRACT

This is an article whose objective is to present the result of a work as an educational practice carried out at the State School Professor Paulo Pinheiro de Viveiros, located in the Lagoa Azul Neighborhood, in the North Zone of Natal/RN, through the creative process developed by the Mythos Theater Company, with the purpose of facing the Bullying that has been occurring in the school research field and its surroundings. The work is justified, because it seeks to break some paradigms about Bullying, bringing to reflection those involved so that social and educational measures may be taken, so that this problem is faced more effectively. The show Azul Turquesa is based on a collaborative scenic construction, having as reference the anthropological theater of Eugênio Barba (1994); the role of the teacher and the school based on the discussion of Walter Kohan (2015); the studies of Beaudoin & Taylor (2006), which deal with Bullying and disrespect, a culture that must be extinguished from school; the discussions made by Ana Beatriz Silva (2015), in her book Bullying: dangerous minds in schools, among others. Therefore, we take as a methodology for the approach to the theme, a qualitative descriptive research, considering the case study, as a strategy for the expression of the studied reality, according to (YIN, 2005; STKE, 2013; ANDRÉ, 1984; BOGDAN & BIKLEN, 1994), as well as a participant observation, in view, as researcher and coordinator, to be inserted within the daily life of the group (BECKER, 1994). The research questions that guide our study are: Given the experiences of students, inside and outside the school, what are the possibilities of coping with Bullying? Within Theater Teaching, how can the creative process collaborate with the confrontation of school bullying? This said, we consider our study relevant, since, as a methodology, it can contribute to the improvement of human relations and respect in school.

Keywords: Theater; Education; Creative Process; *Bullying*.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - O treinamento cultural cria poderosos bloqueios que tornam muitas opções.....	19
Figura 2 - Apresentação do Cia de Teatro Mythos na Escola Municipal Prof. Amadeu Araújo.....	31
Figura 3 - Título honorífico concedido à Cia de Teatro Myltho pela Casa do Cordel em 2018.....	32
Figura 4 - Roteiro inicial da montagem Azul Turquesa.	34
Figura 5 - do Azul-Turquesa na Escola Mun. Maria Madalena, no Santarém.	40
Figura 6 - Apresentação do Azul-Turquesa na Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do RN (SEEC-RN).	40

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE IMAGENS	11
INTRODUÇÃO	13
A ESCOLA: POSSIBILITANDO A APRENDIZAGEM	15
O TEATRO ENQUANTO PRÁTICA EDUCATIVA	24
PROCESSO CRIATIVO AZUL TURQUESA	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o resultado de um trabalho como prática educativa realizado na Escola Estadual Professor Paulo Pinheiro de Viveiros¹, localizada no bairro Lagoa Azul, na Zona Norte de Natal/RN, através do processo criativo desenvolvido pela Cia. de Teatro Mythos, com a finalidade de enfrentar o *bullying* que vem ocorrendo na escola campo de pesquisa e no seu entorno. Nossa abordagem, enquanto grupo, consiste na criação em teatro como ferramenta pedagógica para a discussão e reflexão de temáticas emergentes, que neste caso é o *bullying*.

Utilizamos para esse fim a metodologia de pesquisa descritiva qualitativa, com observação participante, considerando discussões em grupos e sua análise em relação ao objeto escolhido, numa abordagem de estudo de caso (TRIVIÑOS, 1987), considerando o *bullying* sofrido no ambiente escolar, utilizando esse espaço como fonte direta dos dados coletados; sendo a pesquisadora como instrumento para a realização das reflexões sobre o tema abordado.

A partir da pesquisa bibliográfica na área, foram escolhidos autores como Araújo (2005), relatando que a cena ensina; Barba (1994 e 1995), trazendo à discussão da antropologia teatral e tomando como referência para a elaboração dos exercícios o fundamento do treinamento pré-expressivo; Beaudoin; Taylor (2006), nos aproximando do *bullying* como desrespeito na cultura escolar; a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), em que é possível posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; a lei que institui o programa de combate à intimidação sistemática do *bullying* (BRASIL, 2015), além de Walter Kohan (2015), trazendo a discussão sobre o papel da escola no contexto atual, dentre outros que fazem referência ou estudam o experimento e a

¹ A Escola Estadual Prof. Paulo Pinheiro de Viveiros está localizada no bairro Lagoa Azul, conjunto Nova Natal. O bairro é composto por dois conjuntos e alguns loteamentos. A maior parte do público atendido pela escola é oriundo dos loteamentos, sendo os mais comuns Boa Esperança, Câmara Cascudo, Nordelândia e o Nova Jerusalém (também conhecido como Conjunto de Wilma). Boa parte dos alunos são de origem carente e estão envoltos em uma realidade de droga e violência.

representação artística na escola.

O tema foi escolhido a partir da observação de comportamentos de alunos que sofriam *bullying* dentro da escola, exigindo uma prática que promovesse respeito a eles diante das diferenças interpessoais, sendo esse trabalho de suma importância, pois traz à reflexão sobre os danos psicossociais do *bullying* através do teatro no contexto escolar.

Entre as questões que problematizam a escolha do tema temos: Como identificar as vítimas de *bullying* na escola? De que modo a prática teatral pode ajudar no enfrentamento do *bullying*? Em que local é mais comum ocorrer a prática do *bullying*? Ademais outros questionamentos foram feitos pela pesquisadora/professora para entender qual o público atingido por esse tipo de prática e quais as possíveis fragilidades das vítimas: Qual a relação da vítima com a autoaceitação? O que pode fazer com que uma vítima de *bullying* se sinta impotente?

Diante dos objetivos propostos e dos questionamentos surgidos em torno da pesquisa, por meio do processo criativo em teatro, nominado Azul Turquesa, trabalhamos a presença e o equilíbrio – entre corpo, personagem, e espaço – para que os integrantes da Cia de Teatro Mythos, da Escola Estadual Professor Paulo Pinheiro de Viveiros, pudessem se reconhecer como cidadãos e enfrentar os seus limites e medos no momento da atuação e fora dele.

Inauguramos este estudo trazendo uma reflexão da escola como lugar que possibilita a aprendizagem, considerando seus recortes educativos, em que o estudante se torna sujeito da construção do seu conhecimento através de experiências vividas em sala de aula. Em seguida, a reflexão se estende para o *bullying* na escola, apresentando os estudos evocados por Beaudoin e Taylor (2006), Lopes Neto (2005), para que os profissionais/professores estejam mais atentos e sensíveis a ajudar na identificação desse caso dentro do espaço escolar.

Seguimos no texto analisando o teatro como prática educativa, o que dá aos estudantes a oportunidade de expressar seus sentimentos, aliviando as tensões através do exercício do diálogo com suas vivências na escola; por fim, tratamos da experiência dos estudantes, com suas falas, através da Cia de Teatro Mythos, em particular com o processo criativo Azul Turquesa, na qual encontraram meios para o enfrentamento do *bullying* presente na escola,

recuperando suas falas silenciadas e oprimidas, desenvolvendo um processo de aceitação como sujeito de interação através da arte de representar. Esta mudança ocorre inicialmente dentro do próprio grupo.

A ESCOLA: POSSIBILITANDO A APRENDIZAGEM

A escola é um recorte da sociedade em si com o acréscimo de que sempre vem questionando seus processos educativos. E, ponderando a respeito da contemporaneidade, é importante considerar uma construção de conhecimento a partir das experiências dos alunos, a significativa ausência da participação da família (importante marcador no processo de formação do indivíduo) e a democratização das tecnologias. Ao examinar estas relações e a influência que as mídias têm nesse movimento, Setton (2002, p. 109) reitera que,

a educação no mundo moderno não conta apenas com a participação da escola e da família. Outras instituições, como a mídia, despontam como parceiras de uma ação pedagógica. Para o bem ou para o mal, a cultura de massa está presente em nossas vidas, transmitindo valores e padrões de conduta, socializando muitas gerações.

Dentro do universo que é a escola, vamos encontrar diversos tipos de sujeitos e significativos tipos de experiências. Percebendo toda essa pluralidade, a escola vem sofrendo por diversas modificações e adquirindo gradativamente um papel mais complexo uma vez que ela assume um papel fundamental e indispensável, ela também não pode estar à parte das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade (social, política, econômica ou culturalmente). A esse respeito, concordamos com Paim; Nodar (2012, p. 10) quando diz que,

O processo educativo escolar, de acordo com as novas estruturas, procura desenvolver um currículo que considera as mudanças e atenda aos novos conceitos, novos pressupostos e novas demandas.

Na atualidade, entendemos a escola como o espaço favorável ao processo de transformação do indivíduo, estimulando-o a romper com uma reprodução de conceitos estigmatizados. É preciso formar o estudante a partir

de preceitos com base no respeito, na promoção da igualdade de direitos, no diálogo, na autonomia, na tolerância, para que assim ele possa ter consciência do seu papel como cidadão, considerando direitos e deveres. Logo, reconhecemos que um dos objetivos primordiais da escola é proporcionar ao aluno novas experiências que lhe permitam compreender o mundo à sua volta.

Embora compreendendo que a estrutura curricular da escola brasileira oportuniza a continuidade de um ensino excludente e desigual (KOHAN, 2015, p. 84), reproduzindo relações de poder, optamos por levar em consideração, objetivos e competências específicos relacionados aos documentos que regem a educação nacional. Portanto, segundo a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), a educação básica precisa

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. [...] Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários. (BRASIL, 2018, p. 10)

Faz-se necessário a construção de uma nova relação com os sujeitos de aprendizagem apoiada em um projeto político-pedagógico que possibilite aos estudantes conhecerem a si e interagirem com o meio, exprimindo suas ambições e experiências, o que permite que haja uma integração destes com o espaço, percebendo que o papel da escola é de extrema importância para o desenvolvimento dos alunos. Ela pode desenvolver um caráter revolucionário e transformador através da educação. Assim como Walter Kohan, acreditamos que

sem educação não há revolução verdadeira, não há resistência, duração e consistência na revolução: o que é conquistado pela força será perdido sem uma prática educativa que consolide uma nova vida social. (KOHAN, 2015, p. 85)

O professor, aquele que está mais próximo deste grupo, exerce uma função significativa, posto que é o mediador intelectual e emocional destes sujeitos. Ele, o professor, exerce o papel de facilitador da aprendizagem e promotor da interação dos indivíduos entre si e com o meio, refletindo sempre

sobre seus métodos para que possa ampliar seus conceitos e, assim, alcançar o sucesso no trabalho. A ideia trabalhada neste contexto corrobora com a trazida por Walter Kohan, quando diz que o “professor interessante” (2015, p. 87)

não é o que transmite seu saber, mas o que gera desejo de saber, o que inspira em outros o desejo de saber. Professor é aquele que provoca nos outros uma mudança em sua relação com o saber, é o que os retira de sua apatia, de sua comodidade, de sua ilusão ou impotência, fazendo-os sentir a importância de entender e entender-se como parte de um todo social. Em ultima instância, é o que faz nascer o desejo de saber para compreender e transformar a vida própria e outras vidas. (KOHAN, 2015, p. 87-88)

Com a constante mudança no papel da escola, ajusta-se ao professor o compromisso de ajudar seus alunos a encontrarem caminhos possíveis para enfrentar seus conflitos pessoais e coletivos. Neste contexto, o teatro na escola pode ser utilizado como instrumento facilitador de aprendizagem, dado que com essa proposta não está pressuposto a formação de artistas – podendo ocorrer devido ao contato e a identificação com a experiência – e sim, a construção de sujeitos pensantes e críticos. No momento do jogo teatral, colocados de modo a cumprir desafios a partir de instruções dadas, os estudantes conseguem, individual ou coletivamente, encontrar respostas a suas perguntas naquele momento de jogo.

Reforçando essa ideia de que o teatro na escola pode ser utilizado como facilitador de transformação, Glaciene Lyra (2015, p. 23), afirma que

O teatro praticado na escola como arte produzida coletivamente, a partir do desenvolvimento da expressividade gestual e da reflexão crítica sobre as manifestações do homem no mundo, pode ser uma linguagem fundamental para reinventarmos a escola, buscando torná-la crítica, capaz de responder ao desafio de contribuir na construção de um mundo mais justo para vivermos.

Assim, o teatro visto como uma arte democrática, em que todos podem participar de seu processo, até mesmo aqueles cujo desempenho escolar é insuficiente, possibilita instaurar novos desafios no espaço escolar. Esses desafios podem ser compreendidos como uma melhor relação com a autoestima, capacidade crítica, autoaceitação, dentre outros; no entanto, é necessário ter paciência com o andamento das atividades, visto que, até

aqueles estudantes com maior dificuldade ficarão orgulhosos de sua evolução, fortalecendo o sentimento de capacidade e perspectiva, passando a valorizar os seus avanços.

O BULLYING NA ESCOLA

Pondere-se que a violência tem sido um problema que vem aumentando consideravelmente em nossa sociedade, violência essa de cunho individual e social, sendo os jovens as maiores vítimas dessa realidade (matando ou morrendo), sua idade varia entre 10 e 21 anos (LOPES NETO, 2005).

Lopes Neto (2005, p.164), em seu artigo *Bullying comportamento agressivo entre estudantes* publicado no Jornal de Pediatria, diz que “[...] grupos em que o comportamento violento é percebido, antes da puberdade, tendem a adotar atitudes cada vez mais agressivas, culminando em graves ações na adolescência e na persistência da violência na fase adulta”.

Beaudoin e Taylor (2006, p. 22), por sua vez, comentam que, “[...] a agressão vem à mente” da maioria das pessoas “[...] não apenas como uma solução, mas como a única solução, mesmo que a agressão não seja condizente com seus valores” e seguem dizendo que “[...] o contexto cultural da vida do indivíduo influencia as opções que vêm à mente em sua situação de desafio” (IDEM, p. 23)².

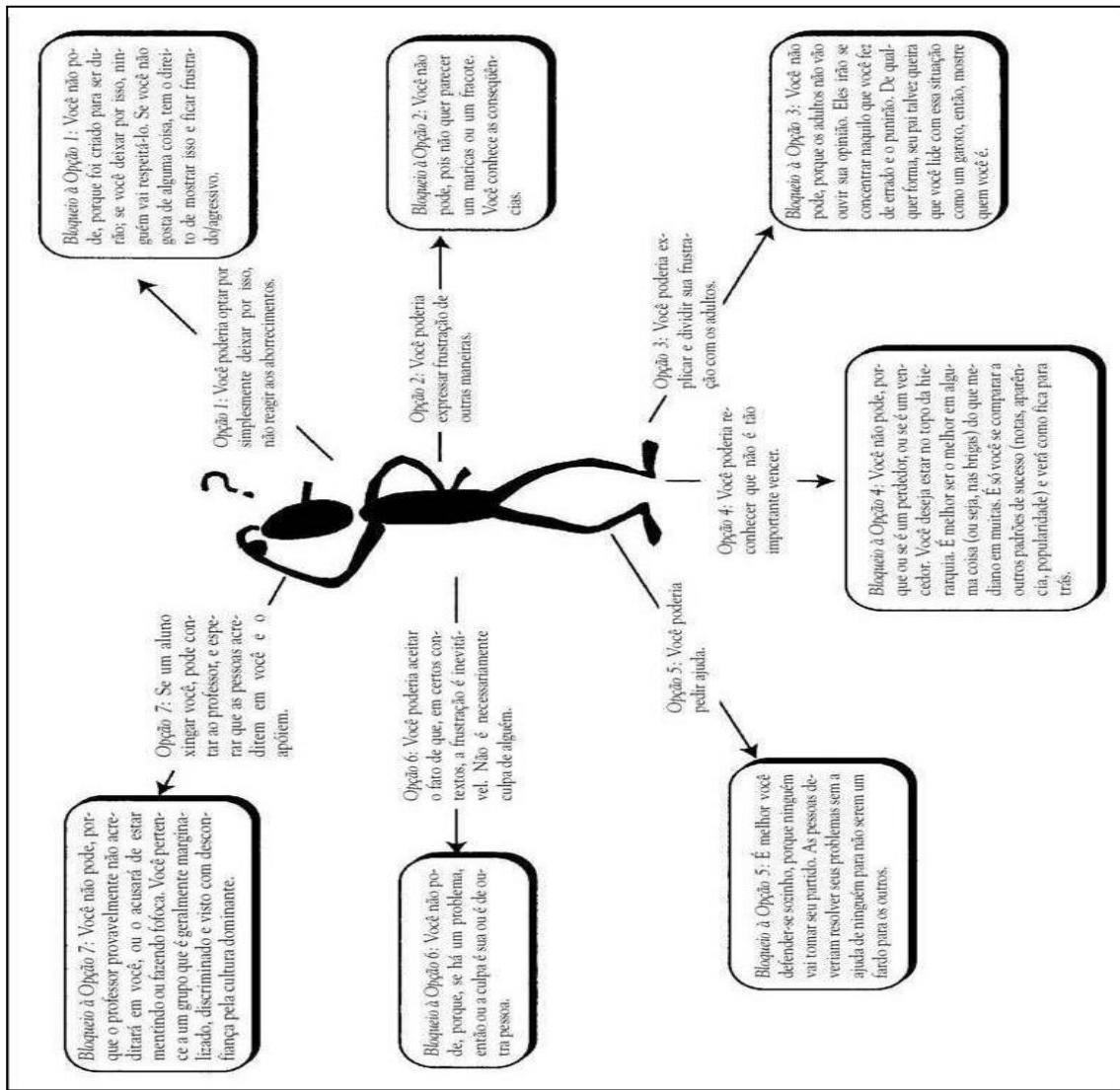
Podemos reafirmar, então, que a questão da violência é muito maior do que meramente a sua prática, ela está inserida em um contexto social, cultural e histórico, posto que não há uma reflexão sobre tais ações, quando se tratam apenas de mera reprodução.

Na Figura 1, retirada do livro *Bullying e Desrespeito: como acabar com essa cultura na escola* (2006, p. 25), por exemplo, podemos observar como o

² As autoras chegam a essa discussão após promoverem uma reflexão sobre à seguinte história: “Numa manhã ensolarada, uma grande rã decidiu engolir toda água que havia na Terra. Sentou-se orgulhosa, saciada. Parecia uma montanha de água, e a pele azul e verde ficara quase que transparente sob a tensão. De tão pesada, nem conseguia se mexer. Por isso, ficou apenas ali sentada, olhando para todos os animais e os seres humanos reunidos à sua frente. “O que vamos fazer?!”, gritaram todos os seres vivos. “Vamos todos morrer se ela não devolver os rios, os córregos e os oceanos.” Passaram três dias rezando e implorando para que a rã soltasse as águas. Mas a rã nem se mexia. As crianças choravam, os idosos sofriam, e, no horizonte, a areia do deserto avançava lentamente. Era preciso fazer alguma coisa.” (BEAUDOIN; TAYLOR, 2006, p. 21). A solução dada à história por cada pessoa é influenciada por seu contexto cultural.

contexto histórico-sociocultural influencia a tomada de decisão de um jovem. São muitas vozes a serem levadas em consideração – família, igreja, amigos, escola – e o resultado, muitas vezes, é uma atitude impensada e impulsiva.

Figura 1 - O treinamento cultural cria poderosos bloqueios que tornam muitas opções



Quando paramos para pensar no local onde esses jovens passam boa parte do tempo, chegamos a um denominador comum: a escola, e por vezes, somos chamados à atenção para situações de violência entre adolescentes que ocorrem dentro do espaço escolar.

Segundo Sposito (2001), a atenção em relação a esse fato, surgiu oficialmente na década de 1980, isso quer dizer que esse cuidado é muito

recente no Brasil. Mas, o autor citado pôde distinguir, através das pesquisas realizadas, o que era de fato brincadeiras típicas do público de adolescentes daquelas que apresentavam algum excesso de crueldade e que ultrapassam qualquer consideração pelo outro.

Os adolescentes gostam de se divertir, eles brincam, riem, zombam, colocam apelidos uns nos outros de forma natural e espontânea. Porém, por vezes, essas “brincadeiras” estão completas de más intenções e truculências, passando dos limites de tolerância. Pode-se dizer, então, que essas atitudes não são sadias, pois só as seriam se todos os envolvidos se divertissem com elas, o que em boa parte das vezes não ocorre. Essa conduta, portanto, é classificada como *bullying*. Seu estudo sistemático inicia na Suécia, por volta de 1970, mas é somente na Noruega em 1982 que a questão ganha notoriedade (FANTE, 2005). O uso do termo em inglês se justifica tendo em vista a dificuldade de traduzi-lo para várias línguas (LOPES NETO, 2005, p. S165). O uso da palavra *bullying* já nos remete automaticamente ao tipo de violência a qual estamos nos referindo.

Devido à dificuldade de encontrar um termo em português eficiente para contemplar tudo que o termo inglês representa, foi preferível permanecer com a expressão *bullying* mesmo. O conceito dessa nomenclatura pode significar provação, intimidação, agressividade e violência. Como pontua Lopes Neto (2005, p. S165), essa prática

compreende todas as atividades agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes.

Na prática, podemos dizer que um aluno está sofrendo *bullying* quando ele está exposto repetidas vezes, a um período de tempo longo, a práticas negativas, realizadas por parte de um ou mais indivíduos. A prática negativa é caracterizada pela intenção de fazer o mal, de causar danos psicológicos ou físicos a alguém.

Há uma discrepância na relação de poder observadas nas ações, de maneira que o agressor (ou agressores) reconhece na(s) vítima(s) um alvo

frágil. Sendo assim, a atitude agressiva revela para o próprio indivíduo que pratica a ação a sensação de que ele é poderoso.

O *bullying* é categorizado de duas maneiras: direto, quando as vítimas são importunadas sem intermediários; ou indireto, quando essas não estão presentes. Ataques, xingamentos, agressões físicas são alguns dos exemplos do *bullying* direto, já o indireto corresponde a desprezo, insensibilidade, difamação. A primeira forma é cometida com mais frequência pelo sexo masculino e a segunda pelo sexo feminino (PeNSE/IBGE, 2016).

Com base na Pesquisa Nacional de Saúde Escolar de 2015 (PeNSE/IBGE, 2016), é possível verificar através da interpretação de seus dados que a violência no âmbito escolar é algo que vem ganhando visibilidade entre professores, familiares e sociedade. Essa violência tem provocado consequências cotidianas que causam ameaça à dignidade humana (física e psicologicamente).

Uma das grandes consequências do *bullying* praticado na escola é a incidência de depressão entre os jovens, podendo chegar até a fase adulta. Os agressores juvenis podem vir, inclusive, a se envolverem com o universo do crime, chegando até a serem violentos. Diante dos dados coletados pelo censo de 2015 (PeNSE/IBGE, 2016), é possível dizer que as maiores vítimas são meninos, com idade entre 11 e 14 anos, já os agressores são, na maioria das vezes, mais velhos. Compreendemos, então, que as possíveis vítimas são aquelas que se apresentam com maior vulnerabilidade. Dentro desse contexto, podemos dizer que o campo no qual o *bullying* está inserido é extensivo e os estímulos são diversos.

Por isso, é necessário considerar os elementos individuais e os elementos socioculturais para que se compreenda o contexto em que essa violência está inserida. Dessa forma, para Beaudoin e Taylor (2006, p. 44), “[...] os jovens envolvidos em questões de desrespeito e que estão na mira do *bullying* precisam de um auxílio que lhes crie experiências de opções de forma que eles realmente possam fazer escolhas diferentes”, criando um repertório comportamental distinto do que estão habituados a reproduzir.

Diante do exposto, percebe-se que um aluno está na mira do *bullying* quando ele está sujeito, repetidas vezes, durante um período de tempo, a práticas negativas executadas por um indivíduo ou um grupo. Sabe-se que as

estas práticas estão relacionadas a atitudes que, de maneira proposital e contínua, provoca prejuízos, machuca e atormenta alguém. De maneira geral, as vítimas não conseguem encontrar uma forma para reagir ou cessar com o *bullying* e terminam se isolando e sofrendo com isso. Sônia Maria (PEREIRA, 2009) categoriza as vítimas em três tipos: vítima passiva ou típica, vítima agressiva e vítima provocativa.

Para Fante (2005, p. 72), as vítimas passivas ou típicas se caracterizam por ter

extrema sensibilidade, timidez, passividade, insegurança, baixa autoestima, alguma deficiência de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. (...) sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não agressiva (...)

As vítimas agressivas são as que transferem as agressões sofridas para outra pessoa ou grupo mais vulnerável que ela (FANTE, 2005). Já as vítimas provocativas, geralmente, são “imaturas, de costumes irritantes e causadores de tensões no ambiente em que se encontram. Em casa, normalmente, são expostas a violência doméstica e possuem pais punitivos” (PEREIRA, 2009, p. 46).

A vítima pode ser caracterizada como alguém de sociabilidade insuficiente, instável e insegura. Em geral, sua insegurança é fortalecida através das críticas negativas de algum adulto, provavelmente familiar, fazendo com que aumente o seu medo de pedir ajuda. Devido a sua insegurança, a autoestima pode estar lesada ao ponto de se considerar digna da violência a ela acometida. Muitas vezes, esse pensamento é alimentado por um discurso social que pode limitar a experiência dos indivíduos, diminuindo assim o seu poder de decisão e dificultando que eles possam dar o melhor de si. (LOPES NETO, 2005).

Pode ser consequência da contínua exposição, a redução do rendimento escolar, além de contribuir para a elevação da ansiedade e a falta de crença em si, fecha-se ainda mais para a convivência social, fazendo com que deixe de frequentar a escola para evitar que seja agredida. Em alguns casos, é possível observar um pensamento autodestrutivo, como a automutilação ou pensamentos suicidas, ou mais ainda, o desejo de vingança.

É interessante pensar que esse jovem passa muito tempo na escola, e dentro do novo modelo proposto, de tempo integral, são nove aulas por dia que o aluno tem durante toda a semana.

Beaudoin e Taylor (2006, p. 35) vão dizer que “[...] A quantidade total de tempo que um aluno passa na escola e, realizando os deveres de casa, representa mais do que o tempo exigido de um adulto em um emprego de turno integral”. Nessa realidade de tempo passado no espaço escolar, o estudante pode vir a sofrer *bullying*. É um sistema em que esse aluno tem a sensação de que ele mora na escola. E que, se esse tempo não for bem aproveitado, eles podem se sentir “[...] frustrados, com a sensação de que estão desperdiçando seu tempo com livros de exercícios sem sentido, repetitivos, enquanto perdem oportunidades interessantes na vida” (IDEM, p. 35).

Um dos espaços suscetíveis, e que pode reverberar no espaço escolar, para o *bullying* é o familiar. Apesar de não haver nenhum estudo claro sobre essas questões, é possível dizer que a proteção excessiva por parte dos familiares, o tratamento infantilizado, causando certa dificuldade no desenvolvimento emocional e as críticas constantes dos pais, acabam gerando medo no indivíduo. As vítimas só irão se abrir quando eles souberem que serão ouvidos de forma respeitosa e que não serão responsabilizados pelas agressões sofridas. Afinal, quem nunca ouviu alguns pais dizendo: “se você chegar apanhado em casa, você apanhará de novo” (LOPES NETO, 2005).

Frequentemente, essa família é ausente, quer seja por não se importar de fato com seus filhos, quer seja por não ter tempo devido ao trabalho. Para Beaudoin e Taylor (2006, p. 35), a forma que as famílias se tratam tem sido alterada. Mas, as autoras explicitam que,

[...] As expressões de amor têm sido substituídas por presentes materiais: estratégias inteligentes e bem-sucedidas de *marketing* influenciam pessoas a enxergar em um diamante ou em rosas a mais poderosa expressão de amor, em lugar de gestos de amor mais simples e honestos.

Dentro dessa reflexão, podemos dizer que jovens que passam muito tempo na escola, que não encontram motivação para estar nesse ambiente e que tem uma família ausente, pode ser um público propenso a estar envolvido em práticas de *bullying*. Nesse caso, alertam Beaudoin e Taylor (2006, p. 36):

“[...] o tédio, a falta de vínculos e a frustração andam furtivamente entre as relações escolares e incentivam as interações desrespeitosas”.

Diante do exposto sobre o *bullying* na escola e as consequências dele na vida escolar dos estudantes, alguns agentes contribuem para que este seja desencadeado no espaço escolar, como fatores de relacionamento familiar podem contribuir para o aumento da agressividade nos jovens. A desconstrução do conceito familiar, um relacionamento afetivo precário, a permissividade demasiada, maus-tratos ou explosões emocionais, como forma de os pais demonstrarem que tem o poder sobre a situação ou indivíduo são alguns desses fatores, que são inerentes ao próprio indivíduo, e podem contribuir para o desenvolvimento da hostilidade, impulsividade, perturbações, problema para obter atenção e desempenho escolar insuficiente (PEREIRA, 2009).

Geralmente, a pessoa está próxima a um grupo que acaba por compartilhar a responsabilidade pelas atitudes danosas, pois, os alunos que são chamados apenas para fazer número, dificilmente iniciam uma agressão, eles precisam da existência de uma liderança que lhes diga como agir e lhes traga a sensação de ser pertencente a um grupo dominador e por isso estão seguros.

Contudo, o que nos atrai ao tema é: de que forma podemos contribuir para o enfrentamento dessa prática? Lopes Neto (2005) diz que “o silêncio só é rompido quando os alvos sentem que serão ouvidos, respeitados e valorizados”. É nesse sentido que nosso trabalho existe, para dar voz aos que desejem falar.

O TEATRO ENQUANTO PRÁTICA EDUCATIVA

Primeiramente, é necessário dizer que apoiamos a ideia de teatro como instrumento pedagógico, não querendo assim, desconsiderá-lo como área de conhecimento, e sim, explorar seu caráter questionador, pois, acreditamos que são os nossos questionamentos e inquietações que nos movimentam. Tal premissa, agregada com a experiência adquirida no exercício da profissão como professora da rede pública estadual de ensino básico, legitima nossa apresentação.

É fundamental pensar no teatro como possibilidade de os participantes adentarem no campo da subjetividade, estendendo-se aos aspectos do fazer, do sentir e do pensar. Através dele, é possível também exercitar a coletividade, em que o aprendizado e o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais estão mais favoráveis a acontecer. O fazer teatral, enquanto ação educativa, garante aos indivíduos a oportunidade de se expressar, pois estes podem falar sobre o que estão sentindo e aliviar tensões/emoções através dos exercícios práticos e dos diálogos propostos (ARAÚJO, 2005).

Sabemos, também, que o professor de teatro não deve se limitar apenas a uma reprodução de técnicas e/ou conhecimentos que foram estipulados e fechados previamente, todavia o mesmo deverá organizar metodologicamente um processo em que o conhecimento seja produto de uma construção coletiva a partir das experiências de cada indivíduo, e é essa a proposta da Cia de Teatro Mythos³ para a montagem de suas apresentações.

É responsabilidade do professor perceber quais as necessidades de seu alunado e propor temas que possam dialogar com a realidade, existente naquele ambiente, e a prática teatral.

José Sávio Oliveira de Araújo (2005, p. 34), professor do curso de Teatro da UFRN, reforça essa informação quando diz que:

O papel do professor, além de oferecer aos alunos a oportunidade de acesso e crescimento através da aquisição e construção de novos conhecimentos, possibilita também articular ações que permitam aos alunos entender os processos de produção de um conhecimento que se faz presente de diferentes formas em diversos espaços de seu cotidiano.

Reforçando a ideia de Araújo (2005), podemos considerar que o fazer teatral é uma linguagem efêmera e sensível onde os indivíduos podem interagir consigo e com outros, permitindo-lhes, dessa forma, expressar e transmitir, através do objeto de trabalho, uma parte de si e de sua visão do mundo, manifestando suas emoções. Assim, colocando o *performer*⁴ como o centro da

³ A Cia de Teatro Mythos, com sede na E.E. Prof. Paulo Pinheiro de Viveiros, foi fundada em 2016 pela professora Rafaely Vasconcelos. Os encontros ocorrem duas vezes na semana e tem duração de 1h20m. O grupo inicialmente foi composto apenas de alunos da própria escola sede, porém no ano de 2018, abriu-se a possibilidade de outras pessoas da comunidade poderem participar. Atualmente, o grupo tem 12 participantes.

⁴ Termo colocado conforme escrito pelos autores.

experiência permitindo o reconhecimento, se refazendo em cada ação executada (COUTINHO; HADERCHPEK, 2019). É uma arte que estimula e desafia quem dela participa, quer seja direta ou indiretamente.

O fazer teatral permite discutir os desafios enfrentados, questionar a realidade e desconstruir preconceitos possíveis. Em vista disso, o professor de teatro será mediador de aquisição e desconstrução de conhecimento. É seu papel ampliar as relações da coletividade, promover encontros⁵ e possibilitar o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das aptidões dos estudantes, bem como, sua capacidade de falar, ouvir e dar opiniões na construção de uma cena.

O processo de construção de uma encenação, enquanto prática educativa, permite aos indivíduos a expansão gradual da percepção do entorno, de sua criatividade, sensibilidade e raciocínio. Sobre esse aspecto, Araújo (2005, p. 22) afirma que “[...] todo processo de encenação é uma ação educativa, que interfere, provoca ou modifica os que dela participam”. Nesse sentido, não tem como alguém ser participante de um processo cênico sem que dele saia modificado, pois estas “transformações são mágicas teatrais” (SPOLIN, 2008, p. 32).

Além de tais características, o teatro é uma prática coletiva que nos permite problematizar, superar desafios e desenvolver a capacidade de lidar com as diferenças. Instrumento importante para a problematização das “relações de interação, conflitivas ou harmoniosas, entre os espaços socializadores e os agentes socializados” (SETTON, 2002)⁶.

A improvisação, dentro do processo de treinamento dos atores, pode colaborar com a percepção de seus limites, ousando ir além deles. Neste sentido, “o jogo de improvisação passa a ter o significado de descoberta prática dos limites do indivíduo, dando ao mesmo tempo as possibilidades para a superação desses limites” (KOUDELLA, 2015, p. XXIV). Essa prática constante, permite aos participantes exercitarem suas limitações em sua rotina, quanto as tomadas de decisões necessárias no cotidiano de suas vidas.

⁵ Tomamos como referência, para o uso da palavra, o mesmo utilizado por Karyne Coutinho e Robson Haderchpek, no artigo “Pedagogia de si: poética do aprender no teatro ritual” (2019, p. 6), onde dizem que “encontrar pode significar aqui ir em direção a algo em si que difere do que costuma ser; esbarrar, colidir com algo inesperado em si mesmo; e com isso se relacionar”.

⁶ Para Maria da Graça J. Setton (2002), “O processo de socialização pode ser considerado então como um espaço plural de múltiplas relações sociais”.

Durante os exercícios propostos nas oficinas, é necessário estar aberto as proposições feitas pelo oficineiro, que conduz os participantes ao cumprimento dos objetivos. Nessa jornada, encontramos algumas dificuldades, sendo ela a primeira estrutural e a outra individual. Nas questões estruturais, não cabe ao professor resolver, mas encontrar formas para lidar com elas, se adaptar. Nas questões individuais, é necessário encontrar caminhos para que os atores consigam administrá-las. Dentro do jogo, podemos dizer que tal dificuldade

Trata-se de certas disposições interiores que impedem a entrega total à improvisação, ou que a atrasam, a dificultam, a emperram... disposições geralmente disfarçadas de uma timidez, mas que na verdade estariam mais próximas a uma falta de atenção a si, especialmente quando nesse processo alguém se preocupa demasiado com os olhares externos, com aquilo que os outros (colegas de cena e espectadores) podem pensar do seu desempenho no jogo. Isso atrapalha a concentração e dificulta que o *performer* se entregue ao processo. (COUTINHO; HADERCHPEK, 2019, p. 12)

Neste ponto, relacionamos essas dificuldades dentro do jogo com o “encontro” mencionado anteriormente. Experimentar esse encontro consigo é permitir uma descoberta do próprio corpo e de suas possibilidades. Justificando-se no fato de que

encontrar-se consigo é *encontra-se com seu corpo* – não há um si mesmo que não passe pelo corpo –, senti-lo, experimentá-lo, percebê-lo em seus limites e possibilidades; e por isso é também encontrar-se com seres desse “si” que ali estão sempre em vias de nascer; é habitá-los, dispor-se a eles, dar-lhes lugar, ou melhor: habitar as relações que com eles o si passa a estabelecer; na extensão daquele espaço, *dar lugar* às relações do si consigo no múltiplo que ele pode ser. (COUTINHO; HADERCHPEK, 2019, p.10)

Desse modo, a linguagem cênica vem a ser o meio pelo qual os participantes produzem uma investigação, individual e coletiva, sobre o mundo, organizam e compreendem sua realidade, e, de igual maneira, se apropriam de “elementos da criação cênica, de articulação de um discurso teatral” (MARTINS, 2004, p. 19).

Pensando nessa articulação do discurso teatral e na complexidade da relação entre os agentes socializadores⁷, é que surge a Cia de Teatro Mythos. Visto que, somente as aulas de Arte, enquanto componente curricular da educação básica, não daria conta de abranger uma prática com essa finalidade, tendo em vista o número de aulas destinadas à disciplina na escola pública da rede estadual de ensino⁸.

A Cia. de Teatro Mythos foi fundada em agosto de 2016 com a finalidade de colocar em prática, em uma escola pública, a minha experiência como professora de Arte/Teatro; experiência essa que fui adquirindo com o estágio no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS)⁹, dado que a realidade encontrada no espaço escolar era equivalente à encontrada naquele espaço de referência.

Ainda em 2016, houve o caso de uma aluna que foi assediada pelo padrasto e foi constrangida pela própria mãe diante da comunidade escolar. Esse fato foi chocante na época e mexeu com o corpo docente, discente, entre outros funcionários da escola.

A partir do caso citado e das diversas conversas com os integrantes do grupo, percebi uma incidência grande de casos de abuso sexual e violência na escola a qual sedia o grupo. Decidimos, em conjunto, trabalhar com a temática. Era preciso falar sobre isto. A companhia se reuniu para debater sobre o que poderíamos trabalhar naquele ano, ao que os alunos (cinco jovens no total, entre eles, três meninas e dois meninos) decidiram falar sobre a violência, com enfoque na violência sexual.

Compreendeu-se, então, a necessidade que aqueles jovens tinham de

⁷ Segundo SETTON (2002), a família, a escola e a mídia são “instâncias socializadoras que coexistem numa relação de *interdependência*”.

⁸ Cada aula tem duração de 50 minutos, sendo duas aulas na modalidade do Ensino Fundamental (Anos Finais) e uma na modalidade Ensino Médio. Dentro desse tempo de aula, é necessário considerar o tempo de deslocamento dos alunos ou professores nas trocas de horários, como também suspensões das aulas por outro motivo, tal como: falta de lanche, reuniões, falta de água etc.

⁹ Foi através de uma experiência desenvolvida no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) em Natal que uma nova percepção de vida foi desenvolvida. Ao entrar em contato com crianças e adolescentes em situação de risco e através do trabalho feito com elas, uma nova forma de ver o trabalho em teatro foi despertado. Sabia-se agora o caminho que deveria ser seguido a partir daquela vivência. Era preciso usar a arte como um meio de mudança social e educacional, levando aos jovens a oportunidade de refletir e questionarem seu lugar no espaço e a partir daí modificá-lo.

falar sobre coisas relacionadas ao seu cotidiano e que, muitas vezes, não sabiam ou achavam que não poderiam dialogar sobre o tema com os adultos. Com isso, definimos que usariam o teatro como instrumento de abordagem, possibilitando discutir as questões referentes ao objeto de trabalho.

Como prática educativa e também pedagógica, o grupo iniciou os processos criativos em formatos de oficinas que sempre abordaram temáticas imersas no cotidiano escolar. A partir da agressão sofrida pela aluna referida no relato, iniciamos o processo de montagem do *Grito das Rosas*¹⁰, que foi aprovado em um edital da UFRN, organizado pelo grupo Eureka, que tinha como objetivo circular com várias apresentações teatrais por algumas escolas públicas da cidade.

Neste mesmo ano, um aluno transsexual estava se firmando enquanto gênero dentro do espaço escolar e encontrava muitas dificuldades em sua trajetória. Ele entrou na Mythos no final do ano e passamos a refletir de que maneira poderíamos discutir seu processo de transformação, reconhecimento e afirmação como homem transexual dentro do contexto escolar.

Em 2017, em vista disso, passamos a trabalhar com a encenação *Você me abraça ou me mata?*¹¹. Essa apresentação não iria tratar apenas da questão de gênero, mas também endossaria a reflexão acerca do racismo, do estupro e da sexualidade. Questões essas que eram necessidades do grupo, pois cada indivíduo se reconhecia dentro de um ou mais pontos. Fizemos várias apresentações, ao longo do ano, em diversas escolas e levamos nossas discussões para que outros espaços escolares pudessem refletir e questionar a realidade de pessoas transexuais e, com isso, construir outras maneiras de inseri-las em um ambiente escolar mais saudável.

Em 2018, foi bastante discutido a respeito do que seria trabalhado. E após algumas conversas, o grupo optou por trabalhar com o tema do *bullying*, pois, em suas vivências, consideravam que esse acontecimento era algo

¹⁰ Foi a primeira apresentação da Cia de Teatro Mythos, ainda em 2016, e foi realizada na Escola Municipal José Melquíades (Nossa Senhora da Apresentação). A encenação abordou temas como violência racial e sexual, onde eram relatadas algumas situações de abuso através de depoimentos verídicos e ficcionais.

¹¹ Ficou em cartaz durante o ano de 2017. Trabalhamos com temas relacionados a violência sexual, racial e de gênero. Tínhamos como objetivo, discutir essas questões dentro do espaço escolar. Após cada apresentação, havia um bate-papo com o público, onde estes poderiam expressar seu posicionamento em relação ao conteúdo abordado.

comum a eles e que era algo do cotidiano no espaço escolar.

O grupo queria dialogar com a comunidade escolar sobre o prejuízo que tais ações podiam provocar nos indivíduos envolvidos em cenários de agressão constante (quer sejam verbais ou físicos). Escolhido o tema do trabalho, começaram as investigações, pensando qual seria o título da apresentação. O nome escolhido foi *Azul Turquesa*¹², pois esta é a cor designada pela campanha contra o bullying. Para tratar do assunto, foi construído coletivamente com os integrantes da Cia de Teatro Mythos, o processo criativo como experiência teatral, educativa e pedagógica.

Diante do que abordamos até aqui, acreditamos que, assim como Augusto Boal (2008, p. xi), o teatro é “uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele”.

PROCESSO CRIATIVO AZUL TURQUESA

No dia 31 de julho de 2018, estreamos o processo criativo Azul Turquesa (Figura 2) a convite da Escola Municipal Prof. Amadeu Araújo, localizada no conjunto Nova Natal, na cidade do Natal-RN, onde retornamos no dia 28 de setembro para uma jornada de quatro apresentações no turno matutino e vespertino.

¹² Processo criativo que foi construído no início do ano 2018 e ficou em cartaz até o final de 2019. O trabalho foi construído sobre o *bullying*, tema escolhido pelos integrantes do grupo, visto a necessidade de conversar sobre experiências vividas por eles e tentar, através de suas expressões, sensibilizar o público, buscando atingir vítimas, agressões e as pessoas apáticas.

Figura 2 - Apresentação do Cia de Teatro Mythos na Escola Municipal Prof. Amadeu Araújo.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Além dessas apresentações, fizemos mais cinco outras no ano de 2018, sendo duas em escolas (E. E. Zila Mamede, no Pajuçara, e E. M. Maria Madalena, no Santarém), uma na Casa do Cordel (na Cidade Alta), uma na Biblioteca do Santarém e uma no Centro Educacional Dom Bosco (organização não governamental localizada no conjunto Gramoré). Finalizamos o ano de 2018, com o total de oito apresentações e recebemos da Casa do Cordel o título honorífico (Figura 3) por nossa contribuição.

Figura 3 - Título honorífico concedido à Cia de Teatro Myltho pela Casa do Cordel em 2018



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Antes da estreia desse processo criativo, foram necessários alguns combinados para a tematização do *bullying* na peça e levei em consideração as falas dos alunos-intérpretes-criadores, assim como, os outros processos de criação do grupo, que, de alguma maneira, já discutia tal temática e foram motes para a criação de *Azul Turquesa*. Dentre os combinados estava a necessidade de que fossem feitos relatórios que registrassem a trajetória do processo de criação citado.

Nesse processo, foram incorporados novos integrantes ao grupo e para “entrosá-los” foi feita uma oficina para que estes pudessem conhecer os mais antigos. Na oficina seguinte, discutimos sobre as temáticas abordadas no ano anterior (feminicídio, gênero, sexualidade, racismo) e chegamos à decisão do tema que seria trabalhado ao longo de 2018. Nesse dia, a oficina foi ministrada por Marcos, ex-integrante do grupo e colaborador.

A oficina do dia 03 de abril foi voltada para o despertar de sensações e sentimentos. Lene Silva, integrante do grupo, fez o aquecimento e em seguida, eu, como professora, iniciei os jogos solicitando que caminhassem pela sala e pensassem nas coisas negativas que já os haviam dito. Depois, pedi que formassem um círculo e que, um de cada vez, fosse ao centro e, dançando,

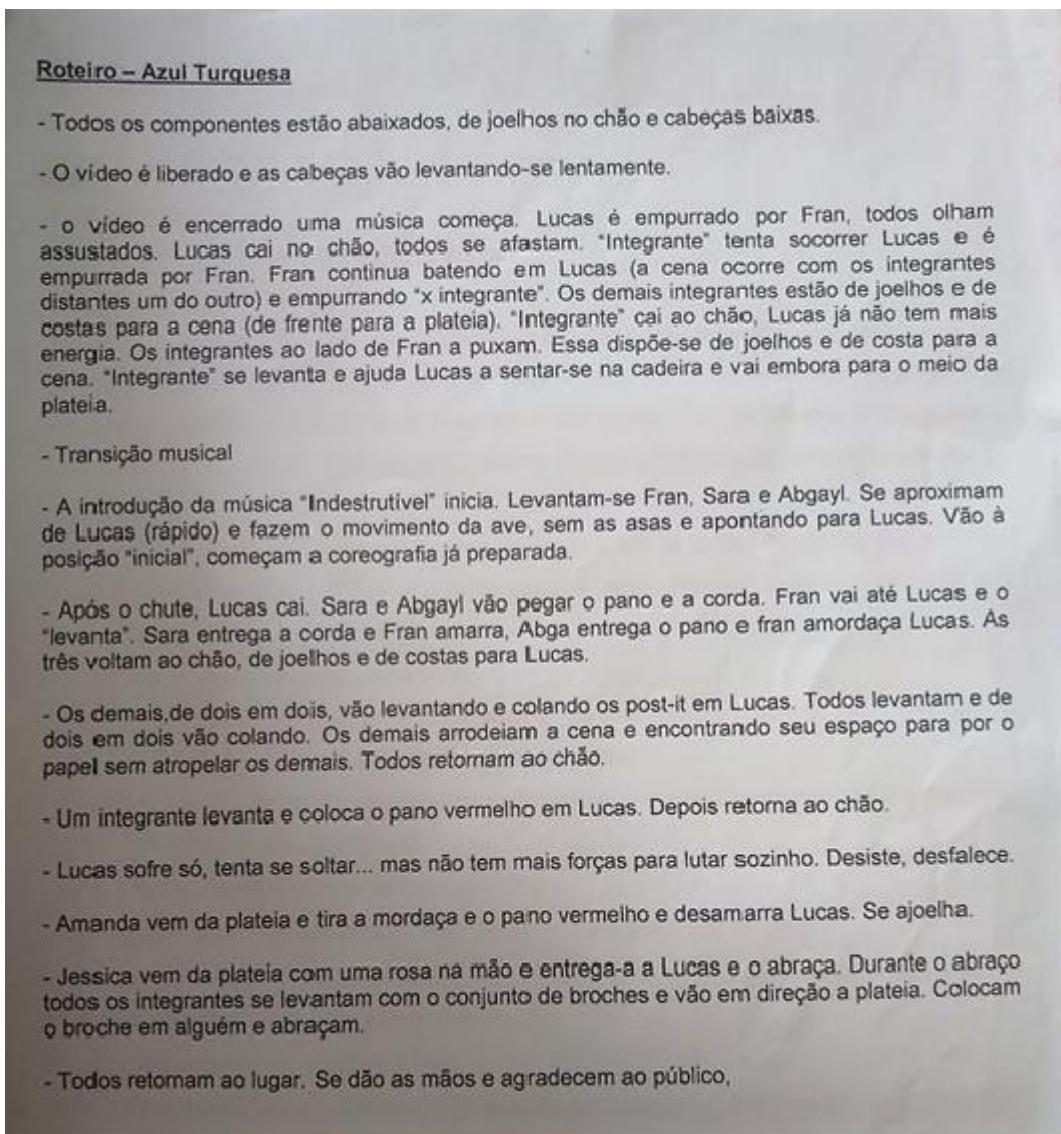
falasse as coisas negativas das quais pensaram. Dois integrantes não conseguiram executar o exercício, pois estavam chorando bastante. Solicitei, então, que todos soltassem as mãos e caminhassem pensando em coisas positivas que lhes aconteceram, depois abraçassem uns aos outros e falassem coisas boas para os colegas e encerramos a oficina com um abraço coletivo.

Em algumas das oficinas, fizemos um trabalho baseado nos princípios técnicos do treinamento pé-expressivo que, para Barba & Zavares (1995), é um nível de organização comum a todos os atores.¹³ Os exercícios foram nomeados de passagem 1, passagem 2, queda livre lateral, resistência e queda livre, pirâmide, rato, gato e gafanhoto. O objetivo era trabalhar com o equilíbrio, tônus muscular, transporte de peso, retração e expansão do corpo e coordenação motora do indivíduo. Eles não gostavam muito porque demandava bastante esforço físico.

Tentávamos elaborar a base para nosso desenvolvimento criativo ao mesmo tempo em que desenvolvíamos a preparação corporal dos atores. Nesse período, através dos exercícios e conversas ao final das oficinas, já havíamos definido como seria a apresentação de *Azul Turquesa*, conforme a Figura 4.

¹³ Na Arte Secreta do Ator, podemos observar que esses princípios são baseados em três fundamentos (individual, fisiológico e biológico). Sendo assim, os exercícios, da Cia de Teatro Mythos, são apoiados no equilíbrio, dilatação, oposição e energia.

Figura 4 - Roteiro inicial da montagem Azul Turquesa.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

A partir da criação do roteiro, passamos a focar mais na encenação, queríamos deixar tudo pronto para começarmos a divulgar nosso trabalho. Então, alongávamos, aquecíamos e ensaiávamos. Alguns dias, eles diziam estar cansados da repetição, como é possível perceber na fala de Lucky Silva (16 anos), no relatório do dia 17 de maio de 2018: “*desculpa, mas eu não estava nem um pouco a fim de passar ela neste dia*”.

As oficinas posteriores foram ministradas por mim, por pessoas convidadas, pelos próprios integrantes do grupo, o que favoreceu o processo de criação colaborativo, que segundo Ary (2015), é uma prática secular no teatro ocidental. Para o autor, a noção de criação em coletivo é inseparável da

noção de teatro, mesmo em épocas nas quais determinados sujeitos imbuídos de suas funções criativas fizeram preponderar uma instância criativa sobre as outras no direcionamento do trabalho em teatro. Ary (2015) nos diz que o processo colaborativo requer uma conduta de criação profícua e dialógica, por exigir de cada artista, independentemente da função desempenhada, que se empenhe para ajudar os outros companheiros, no momento de criação. Logo, para o autor supracitado “[...] criar, mais que um direito, é uma necessidade” (IDEM, p. 3).

E continua:

Sem esse exercício de direcionar o impulso criativo de cada participante para os diversos campos, o processo pode se tornar, aos poucos, um processo funcionalista disfarçado, no qual o direito de manifestação se torna uma questão de foro íntimo, usado quando for conveniente ao indivíduo. O exercício da criação se torna uma conduta de trabalho que impele o sujeito a ultrapassar os limites de sua função específica. Trabalhar em processo colaborativo exige artistas que possam criar de forma abundante, com entusiasmo e perseverança, ou que estejam dispostos a aprender. (ARY, 2015, p. 3)

Sobre a colaboração de outras pessoas na feitura de *Azul Turquesa* recebemos a presença de Firmino Brasil¹⁴, que ministrou a oficina no dia 19 de julho de 2018. Ressalta-se que os integrantes o receberam com carinho e admiração, e desta oficina, saiu mais um recorte para agregar ao nosso trabalho, acrescentando mais uma cena à montagem da supracitada peça.

No dia da estreia, como já citado no início desse subtópico, havia muita ansiedade por parte de todos e uma expectativa positiva em relação ao *feedback* do público. Cada apresentação para os intérpretes-criadores parecia ser única e alguém sempre tinha alguma crise nervosa, como é possível perceber na fala de Lene Silva, uma das integrantes do grupo: “[...] *começou a bater um nervosismo desgraçado, mas tem uma coisa que você precisa saber meus caros e preciosas, não há nada tão ruim que não possa piorar*”. A partir daí, somaram-se ao todo oito apresentações.

É preciso citar que na Cia de Teatro Myltho há uma grande rotatividade dos integrantes e em alguns momentos nos vimos em impasses com os

¹⁴ Ator e licenciando do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

processos já criados, pois quando se necessitava de substituição, o novo integrante tinha que aprender pelo processo de repetição as cenas já construídas.

Não queríamos fazer nada que fosse superficial. A intenção do grupo era que cada ator/atriz escrevesse parte da história, que estava sendo contada. Mas essa rotatividade não é um problema apenas em grupos teatrais escolares.

Eugênio Barba referenciado por Rasmussen (2016, p. 57) no livro “O Cavalo Cego”, conta como a saída de alguns integrantes do Odin Teatro acabou prejudicando a montagem do espetáculo “Cesariana” (grifo da autora). As cenas carregavam as particularidades de cada ator ou atriz. Sobre essa situação, ele diz que “[...] era a prova do que acontece quando se cria um espetáculo totalmente vinculado à personalidade e às formas expressivas dos atores: é impossível substituí-los sem transformar radicalmente o espetáculo” (IDEM). Levando em consideração a fala de Barba, chegamos a uma resolução: teríamos cenas de composição individual e cenas de construção coletiva. À medida que algum integrante saía ou entrava, as cenas individuais se modificavam e as cenas coletivas mantinham as amarras da história. Dessa forma, conseguimos manter o espetáculo em cena, mesmo que sofrendo constantes alterações.

Em 2019, não sendo diferente dos anos anteriores, novos integrantes entraram para o grupo e outros saíram. Precisávamos adaptar as cenas, pois cada indivíduo precisava colocar um pouco de si mesmo na encenação.

A partir dos trabalhos desenvolvidos durante os ensaios, surgiu mais uma cena. Nela, os atores escolheram, a partir de um exercício de preparação, trechos das poesias de Rui Cauré¹⁵ (2017, p. 17, 18, 27, 94, 109, 122 e 173), algumas delas são:

você tinha tanto medo da minha voz que eu decidi ter medo também
[...] ela era uma rosa, mas quem a pegou na mão não tinha intenção
de guardá-la, [...] você tem dores morando em lugares que dores não
deveriam morar, [...] deve ser doloroso saber que eu sou sua mais
bonita mágoa, [...] quando fico triste eu não choro eu derramo quando
fico feliz eu não sorrio eu brilho quando fico com raiva eu não grito eu
ardo, [...] nenhum de nós está feliz, mas nenhum de nós quer desistir
então continuamos nos machucando, [...] seu corpo é um museu de

¹⁵ Escritora e artista de origem indiana. Desde a infância reside no Canadá.

desastres naturais será que você entende o tamanho desse absurdo.

A escolha da escritora se deu devido à identificação que os intérpretes-criadores têm, não só com o conteúdo como também, com o formato da escrita, o uso de desenhos para representar muitas de suas palavras. É como se ela conseguisse transmitir em sua obra muito dos sentimentos que eles não conseguem expressar sozinhos. Durante a preparação cênica, foram tomando posse dos trechos que melhor lhes identificavam e encontram suas formas particulares de falar. Permitir que os integrantes se apropriassem do texto e falassem da forma como interpretavam aquelas palavras, veio da influência do pensamento do Chekhov 2010, p. 42), quando ele diz que

Se um ator se limita meramente a declamar as falas fornecidas pelo autor e a executar as “marcações” ordenadas pelo diretor, não procurando nenhuma oportunidade para improvisar independentemente, ele faz de si mesmo um escravo das criações de outros e de sua profissão uma atividade emprestada. Equivoca-se em acreditar que o autor e o diretor já improvisaram para ele e que sobra muito pouco espaço para a livre expressão de sua própria individualidade criativa.

É esperado dos integrantes que não sejam passivos em relação ao processo de criação em *Azul Turquesa*, e sim o oposto. São agentes criadores, a escolha do tema partiu deles e, assim, todo o processo de criação deveria ser feito. Como orientadora e coordenadora, faço apenas conduzir o processo, facilitando o desenvolvimento criativo e, como resposta, eles me fornecessem as ferramentas para isso.

Barba apud Rasmussen (2016, p. 68) diz que a “[...] busca incessante dos contrários é uma das características” do seu fazer teatral. Podemos tomar posse dessa informação, levando em consideração os nossos trabalhos. O uso do contraste é perceptível. Podemos ver a violência de um lado e o apoio, o conforto do outro, representado pelo abraço e pela canção “Oração”¹⁶ (letra disponível no anexo, p.) ao final de cada apresentação.

Outro ponto em que o nosso trabalho se aproxima da antropologia teatral¹⁷ de Barba é no fato de buscarmos chegar ao espectador através dos

¹⁶ Composição de Leo Fessato. Incluído no CD A Banda Mais Bonita da Cidade, 2011.

¹⁷ Com base na Arte Secreta do Ator (BARBA & SAVARESE, 1995), a “antropologia teatral é o estudo do comportamento do ser humano quando ele usa sua presença física e mental numa situação organizada de representação e de acordo com os princípios que são diferentes dos

corpos em cena. O texto que entra em cena precisa ser relevante. Para Barba apud Rasmussen (2016, p. 69), esse pensamento surge devido ele ter assistido a um espetáculo de Kathakali, onde não entendeu uma única palavra que foi dita durante a apresentação e, mesmo assim, se sentiu tocado por “alguma coisa” (termo utilizado por Barba). Sobre essa experiência ele diz:

Foi aí que ficou claro para mim que, no teatro, há um nível de comunicação – sensitiva e emocional – que decide como cada espectador percebe e explica o espetáculo para si mesmo. Como se o espetáculo instaurasse uma relação de memória biológica e biográfica, sensorial e sensual com camadas remotas da própria vida. (RASMUSSEN, 2016, p. 70)

Uma das coisas que buscamos, ao entrar em contato com o público, é a conquista de conexão atores/plateia. É necessário manter viva, durante a apresentação, uma atração tão forte que seja difícil para quem assiste se desfazer do vínculo através das cenas que se sucedem. Durante algumas das oficinas de treinamento, procuramos desenvolver uma “sensualidade” e um “erotismo individual¹⁸” para a sedução desse espectador.

Não queríamos que os participantes reproduzissem algo estabelecido social e culturalmente, não obstante, deveriam buscar dentro de si. No início, eles estavam fadados ainda à reprodução de conceitos pré-estabelecidos do que seria essa sensualidade e erotização, aos poucos (e um pouco tímidos) foram dando liberdade ao corpo para a criação de possibilidades nas cenas.

A princípio, surgiu muita coisa inusitada, não que isso significasse que era feio ou errado, mas sim, que eles estavam começando a se encontrar e a se afirmar enquanto seres sensuais e eróticos. Na nossa busca individual pela sensualidade, investigávamos de que modo isso afetaria os espectadores. Anne Bogart (2011, p. 72), em sua fala, consegue justificar a razão pela qual precisávamos dessa busca.

a tensão erótica entre palco e o espectador é parte daquilo que torna a experiência teatral tão atraente. O teatro é um lugar em que é possível encontrar o outro em um espaço energético não determinado pela tecnologia. A estimulação sensorial permitida pelo teatro, gerada por sua própria forma, permite o exercício da imaginação corporal.

usados na vida cotidiana. Essa utilização extracotidiana do corpo é o que chamamos de técnica.”

¹⁸ Termo utilizado pela autora. Não desrespeito as questões da sexualidade. Seu caráter consiste em manter uma energia de conquista entre atores e plateia.

Erotismo é excitação, excitação dos sentidos, provocada por estímulos humanos sensuais. A tensão erótica entre atores e o público faz parte da receita da obra dramática eficaz. A atração do teatro é a promessa de uma proximidade com atores em um lugar onde a imaginação corporal pode experimentar um relacionamento prolongado.

O grupo pretende sempre tocar o público muito mais pelo campo sensorial, onde quaisquer deles absorve o que vê de maneira diferente. Cada espectador tem sua própria interpretação originária de seu contexto social, cultural e emocional. Isso não quer dizer que os nossos trabalhos sejam soltos, pelo contrário, trabalhamos com temáticas, os textos são fragmentos de cada ator/atriz a partir de coisas que eles se identificam.

Os exercícios criados para a preparação e as improvisações levam em consideração a temática que rege o trabalho e o resultado das cenas é a junção da história individual do participante com fragmentos de situações criadas coletivamente. Dessa forma, conseguimos chegar ao público de maneira que ele possa reconhecer o fio condutor, mas que todos tenham a liberdade de interpretar, de acordo com sua própria bagagem histórico-social.

O espetáculo em questão é um trabalho vivo, está em constante modificação. Personagens surgem e desaparecem, cenas entram e saem, novos gestos e textos são inseridos. Tudo no espetáculo pode ser mutável. Portanto, cada apresentação foi considerada única.

Se houver necessidade de fazer um revezamento entre os atores para entrar em cena significa dizer que cada um fará uma apresentação diferente, visto que os atores têm seu próprio discurso, mesmo que este ocupe o lugar de outro com o mesmo personagem. O fio condutor é o mesmo, porém, os indivíduos contam a história à sua própria maneira.

As Figuras 5 e 6 mostram dois atores, no mesmo personagem em apresentações distintas, no mesmo tempo da cena, porém, ambos contando a história de forma muito particular. Além dessa variante, ainda tem o agente plateia.

Figura 5 - do Azul-Turquesa na Escola Mun. Maria Madalena, no Santarém.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Figura 6 - Apresentação do Azul-Turquesa na Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do RN (SEEC-RN).



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Para Anne Bogart (2011, p. 76) “[...] a apresentação tem um ritmo fluido que muda com cada plateia que ela atinge. O ator pode sentir a plateia de maneira tão palpável quanto a plateia sente os atores”. Isso quer dizer que, ainda que repitamos os mesmos movimentos de maneira precisa, diversas

vezes, a cada novo público, nós teremos uma apresentação diferente. Há uma troca muito forte entre atores/atrizes e espectadores e é essa troca que torna cada experiência única para os dois lados.

Para nós, da Cia Teatral Mythos, é importante que a plateia interaja com nossos espetáculos, pois ela nos retroalimenta nos processos criativos já construídos e nos estimula a pensar em novos projetos, que são emergentes no espaço escolar e que, na maioria das vezes, só é possível ser falado através do teatro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que cada indivíduo traz consigo suas vivências, tradições e conhecimentos de mundo distintos, e com base nessa premissa afirmamos que juntos fazemos um conjunto de seres complexos e subjetivos, fazendo-se necessário o respeito a essa diversidade. Com essa pluralidade, a escola vem apresentando um papel cada vez mais complexo, é nesse sentido que a instituição, bem como o processo de educação que ocorre nela, não pode estar à parte das mudanças de estrutura da sociedade.

Compreendemos que o compromisso da escola é mediar a transformação dos indivíduos, formando-os sob as bases do respeito, do diálogo, da autonomia e da tolerância. Esse processo é resultado de um trabalho colaborativo entre o corpo docente, funcionários da escola e a família. Como sujeitos da educação, temos o dever de encontrar nas diversas situações que venham a existir no âmbito escolar, uma oportunidade de promover aprendizado e experiência.

O professor é quem acaba exercendo o papel de facilitador da aprendizagem. Ao olharmos particularmente para a área do teatro, através dos jogos teatrais, é possível colaborar com a formação de seres pensantes e críticos, quando colocamos os jogadores em confronto com alguma situação e através das instruções que são dadas, estes, individual ou coletivamente, conseguem encontrar soluções para os problemas apresentados.

Entendemos que o teatro, como um tipo de saber, é capaz de mudar uma sociedade, colaborando com a construção do porvir, ao invés de aguardar

de modo complacente (BOAL, 2008, p. xi). Por ser uma arte democrática e coletiva em sua essência, possibilita que nos aprofundemos no campo da subjetividade, garantindo aos participantes a oportunidade de se expressarem a partir dos exercícios e diálogos propostos, favorecendo, assim, o aprendizado.

Na escola, o professor de teatro não precisa se limitar à reprodução de técnicas ou transformar o aluno em apreciador da arte. O fazer teatral pode ir além da arte pela arte, sendo um meio propulsor para a reflexão crítica da realidade do indivíduo para que este possa, de forma consciente, buscar modificá-la. Ademais, o teatro não deve se restringir somente a uma busca por sentido. Os trabalhos precisam transformar todos os envolvidos, e muitas vezes, tirá-los da acomodação para fazê-los repensarem seus próprios conceitos (BOGART, 2011, p. 85).

Portanto, foi pensando nessa perspectiva que a Cia de Teatro Mythos surgiu. Tínhamos a necessidade de dialogar com temáticas que vinham carregadas de moralidade, de preconceitos sociais, onde uma conjuntura poderia desestruturar um grupo. O fato de não saber o que fazer ou não saber como agir em uma situação especial faz, ou deveria fazer, com que um educador se sentisse motivado a buscar soluções para si e para a convivência do grupo. À vista disso, em resposta a uma situação real, escolhemos o que nos moveria como grupo.

Convém, por fim, a reflexão sobre a responsabilidade que um professor carrega. Ele precisa estar atento a qualquer eventual circunstância, ao passo que precisa prover a construção de um conhecimento formal e também auxiliar a formação cidadã do indivíduo. Compete a todos fazer uma escolha, se envolver com os problemas dos alunos e trazer pra si a responsabilidade de ajudá-los ou ser imparcial e apenas exercer sua função de passar um conhecimento pronto aos estudantes.

O caminho a ser trilhado por um professor de teatro é desafiador. É necessário ter serenidade para lidar com situações difíceis na escola. Hoje, após dois anos de projeto, é possível dizer que os problemas estruturais são menos importantes, quando você encontra problemas humanos que exigem atenção, e muitas vezes, não tem as ferramentas necessárias para ajudar.

Contudo, acreditamos que o pouco de atenção que é possível dar, aos

membros das oficinas e também aos que nos assistem, já desempenha um papel transformador na vida desses indivíduos. E que o teatro é capaz de desempenhar o papel de nos fazer refletir sobre os conflitos humanos, sobre o medo e a nossa sensibilidade enquanto gente. Diariamente, tendemos a reproduzir modelos convencionais de comportamento, logo, passamos a vida indiferentes. A arte nos possibilita vivenciar formas de questionamentos desses modelos de reprodução, nos estimulando a sair do comodismo (BOGART, 2011, p. 86).

O nosso trabalho é contínuo e mutável. Assim como Bogart, buscamos trabalhar com as questões humanas, dialogar com elas, nos aproximarmos das questões do nosso público, na maioria das vezes, adolescentes. Usamos o teatro como uma ferramenta de reflexão e transformação. Trabalhamos com o nosso medo, principalmente com o medo de nossos alunos. Escolhemos essa arte como forma de expressão pessoal, mas, mais ainda, como forma de discurso, de protesto, de resistência.

Nossos integrantes são, na sua maioria, pertencentes a um grupo social de risco, sendo eles: gays, lésbicas, negros, pobres, mulheres. Alguns sofreram violência sexual, doméstica, já sofreram *bullying* e rejeição por serem afeminados, por estarem no teatro (infelizmente visto ainda com muito preconceito dentro da comunidade escolar). São muitas questões que são enfrentadas. Utilizamos o teatro para enfrentá-las, para resistirmos e existirmos. É por isso que, ao final de nossas apresentações, damos sempre um grito: Somos resistência!

Como o trabalho está sempre em processo de construção e mudanças, é imprescindível dizer que, para esta pesquisa em especial, as nossas considerações precisam estar fechadas, porém, elas não finais, visto que nossa pesquisa enquanto processo de construção cênica, e como é possível se transformar e fazer parte da transformação do outro, será continuo e permanece em processo de estruturação

É preciso dizer que não usamos o teatro como uma forma de terapia, até porque não temos ferramentas e conhecimento para isso. Porém, a transformação não está apenas sob responsabilidade da área terapêutica. A educação precisa ser transformadora e isso ocorre quando os indivíduos experimentam as diversas possibilidades existentes dentro de um jogo teatral.

Ele tem objetivos que precisam ser alcançados e tem regras que precisam ser cumpridas. Caberá a eles encontrarem seus próprios caminhos pra tornar isso possível.

Ao longo de nossa jornada, tivemos vários alunos que chegaram ao grupo com infinitas questões. Autoestima baixa, confusos sobre quem eram, indiferentes ao mundo, problemas de aceitação, sem autoconfiança e nem sentimento de pertencimento são algumas dessas questões. Tivemos alunos que se automutilavam e que ao longo de todo um trabalho deixaram de fazer isso porque compreenderam seus processos, aceitaram que eram e conseguiram projetar uma realidade diferente para a vida deles. Essas mudanças ocorrem a partir das experiências que eles têm em grupo, quando são elogiados por um colega ou pelo público, quando conseguem atingir um objetivo proposto, quando coisas que antes não conseguiam fazer passam a ser possível. Aos poucos, isso vai mostrando a eles que são capazes e que precisam confiar em si.

Por fim, fechamos mais um ciclo de nossa jornada e, assim, nos abrimos para iniciar um novo. Como anteriormente dito, nosso trabalho é contínuo e a estática nessa relação não será nunca a nossa escolha.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Sávio Oliveira de. **A cena ensina:** uma proposta pedagógica para a formação de professores de teatro. 2005. 177 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/Id/C%EAlica/Pesquisa/A_Cena_Ensina_ARAUJO_S%EAvio.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

ARY, Rafael. Princípios para um Processo Colaborativo. **Cena:** Periódico do Programa de Artes Cênicas da UFRGS, n, 18, 2015. Acesso em: 29 de fevereiro de 2020. Disponível em <<https://www.seer.ufrgs.br/cena/article/v>>. Acesso em: 18 de junho de 2019.

BARBA, Eugênio. **A canoa de papel:** tratado de antropologia teatral. São Paulo: Hucitec, 1994.

BARBA, Eugenio & SAVAREZI, Nicola. **A Arte Secreta do Ator: dicionário de**

Antropologia Teatral. Campinas: HUCITEC-UNICAMP, 1995. Trad. Luís Otávio Burnier, Carlos Roberto Simioni, Ricardo Puccetti, Hitoshi Nomura, Márcia Strazzacappa, Walesca Silverberg e André Telles.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. Tradução Sandra R. Netz
Bullying e desrespeito. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores.** 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOGART, Anne. **A preparação do diretor:** sete ensaios sobre arte e teatro. Tradução: Anna Viana. Revisão da tradução: Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Lei 13.185, de 06 de junho de 2015.** Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>.

Acesso em: 27 de junho de 2019.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

CHEKHOV, Michael. **Para o ator.** Tradução: Álvaro Cabral. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

COUTINHO, K. D.; HADERCHPEK, R. Pedagogia de si: poética do aprender no teatro ritual. **ARJ – Art Research Journal / Revista de Pesquisa em Artes**, v. 6, n. 1, 12 dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/17381>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 2. Ed, ver. Ampl. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2005.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca.** Tradução: Ana Guadalupe. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2017.

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor:** relatos de um viajante educador. Tradução: Hélia Freiras. 1ª ed. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

- KOUDELLA, Ingrid. Introdução à edição brasileira. In: SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- LYRA, J. H. Glaciene. **O Teatro, a aprendizagem e a Educação Infantil**. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXV, Nº. 000067, 08/05/2015. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/o-teatro-aprendizagem-e-educacao-infantil>>. Acesso em: 05 de março de 2020.
- LOPES NETO, Aramis A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria, v. 81, nº 5. Porto Alegre, nov. 2005 p. S165-S172. Disponível em: <[Bullying: comportamento agressivo entre estudantes \(scielo.br\)](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0022-34202005000500003)>. Acesso em: 20 de junho de 2019.
- MARTINS, Marcos Bulhões. **Encenação em jogo**: experimento de aprendizagem e criação do teatro. São Paulo: Hucitec, 2004.
- PeNSE/ IBGE. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**: 2015/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- PAIM, Viviane Catarini; NODAR, Paulo César. A missão da escola no contexto social atual. 2012. IX ANPEDSUL. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Disponível em: <www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsl/9anpedesul/paper/viewFile/1063/706>. Acesso em: 28 de maio de 2015.
- PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.
- RASMUSSEN, Iben Nagel. **O Cavalo Cego**: diálogos com Eugênio Barba e outros escritos. Organização: Mirella Schino e Ferdinando Taviani. Tradução: Patrícia Furtado de Mendonça. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2016.
- SETTON, Maria da Graça Jacinto. **Família, escola e mídia: um campo com novas configurações**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n.1, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.
- SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula**: um manual para o professor. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- SPOSITO, M. P. (2001). Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e pesquisa**, 27(1), 87-103.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

Link de acesso ao acervo da Cia de Teatro Mythos

<https://drive.google.com/drive/folders/1GCWY2m50hXwrjWrUNrZYxvclMApmPoSu?usp=sharing>

Espetáculo: O Grito das Rosas

Em 2016, no início dos trabalhos da Cia. de Teatro Mythos, montamos o espetáculo “*O grito das rosas*”, com trinta minutos de duração, e apresentamos na Escola Municipal José Melquíades, em Nossa Senhora da Apresentação, Natal/RN. Essa apresentação fez parte do III Circuito de Teatro Escolar da UFRN, com a organização do Grupo Eureka. “*O grito das rosas*” consistia em uma peça que falava sobre violência e assédio sexual. Foi um trabalho que se desenvolveu através de uma criação coletiva a partir das experiências dos membros do grupo. Muitos deles passaram por situações relacionadas à temática do trabalho e, de alguma forma, falar sobre o assunto entre eles e externar isso em cena, foi recompensador. Realizar esse trabalho possibilitou que cada um de nós saíssemos modificados em relação ao início do processo. Os alunos acreditaram em um projeto que nasceu do nada, que partiu de uma professora que acabara de chegar à escola. Foi um grupo de alunos dedicados e que ansiavam por conhecer a arte da representação, pois nunca tinha tido tal oportunidade e muitos sequer já tinha visto alguma apresentação de teatro na vida. Começamos do zero, eu confiei neles e eles em mim. Dessa forma pudemos aprender e crescer juntos.

Depoimentos sobre a participação em “O grito das rosas”

Os depoimentos estarão classificados por nomes genéricos.

1. Anabelle

A peça *O grito das rosas* foi muito importante para mim, em todo meu

desenvolvimento desde pequena até agora. Foi muito importante trabalhar em algo que ainda é um tabu para a sociedade, que ainda faz as pessoas terem medo de se expressar e foi com ele que eu consegui me expressar e colocar coisas em ordem. A peça retrata coisas que acontecem no cotidiano e que muitas vezes as pessoas ao seu redor não veem, não conseguem observar o que realmente acontece, e sentir novamente tudo aquilo foi bem assustador. Tive muitas dificuldades para me expressar, falar e refalar trazia medo e desespero algumas vezes, sentir um assédio mesmo sendo de mentira era realmente horrível, mas quando íamos cantar era libertador, quanto mais aumentávamos o tom mais me sentia livre. A peça foi realmente muito incrível, me fez sentir milhões de sensações diferentes e me fez perceber o quanto é importante falar sobre tudo, mesmo que seja um tabu porque se não falarmos é bem pior e me fez acreditar que ainda existe vida após uma agressão, após um abuso sexual, basta apenas falarmos.

2. Samantha

Antes de entrar para o teatro eu era muito tímida, não gostava de falar em público nem era tão extrovertida como agora. No início eu entrei mais porque meus amigos entraram, mas com o passar dos anos eles foram saindo, mas aí eu já amava o teatro em si. Então tive que me acostumar com aquilo, e assim eu aprendi a fazer amizades novas... Rafaely, que é coordenadora da Mythos, me ensinou várias coisas, tipo enfrentar meus medos, meu passado e nunca desistir do que eu quero. Só tenho a agradecer a ela!

Na peça *O grito das rosas*, enfrentei o medo de palco e público, na minha cena foi um maior improviso da minha vida, eu tremia demais, minhas mãos suavam e tudo. Eu amei atuar ao lado de amigos, no final eu queria voltar para lá e fazer tudo de novo, eu amei atuar ao lado dos meus amigos.

Fotos



Apresentação na E.M. José Melquíades, Nossa Senhora da Apresentação.



Apresentação na E. M. José Melquíades, Nossa Senhora da Apresentação.



Apresentação na E. M. José Melquiádes, Nossa Senhora da Apresentação.

Você me abraça ou me mata?

Em janeiro de 2017, vi uma fotografia de uma performance onde o rapaz estava vendado de braços abertos, ao seu lado uma placa com os dizeres “Sou gay, você me abraça ou me mata?”. Conversei com os integrantes sobre essa imagem e decidimos criar algo em cima, mas não só falando sobre sexualidade. Então, decidimos abordar questões de gênero, sexualidade, raça e violência sexual. Criamos uma apresentação com o nome “Você me abraça ou me mata?”, onde tínhamos cinco representações: mulher, negra, bissexual, trans e estupro



Fonte desconhecida.

O núcleo era composto inicialmente por quatro pessoas, cada uma delas representando um segmento (negro, lésbica, transgênero e mulher). Como nossos processos estão em constante mudança, acrescentamos mais uma pessoa ao núcleo, que passou a representar mais um segmento (abuso sexual). A necessidade surgiu devido aos relatos durante os processos cênicos e por termos chegado ao entendimento do número de abuso a mulheres e o quanto difícil era para as vítimas falarem sobre isso e o quanto a sociedade ignorava tal questão e muitas vezes responsabilizando a vítima pelo abuso sofrido. Em cena, cada segmento apresentava um dado estatístico, com exceção do trans. Este fazia a transição durante a apresentação, aos olhos do público. Enquanto ele estava em cena duas pessoas tocavam e cantavam a música "Amianto" (gravada por Supercombo) ao vivo. Ao fim de cada uma das pequenas exibições, os atores abriam os braços e falavam: você me abraça ou me mata? Após a apresentação do menino trans, todos os atores permaneciam de braços abertos aguardando que o público interagisse. Em todas as apresentações os integrantes foram saudados com um caloroso abraço.

Texto usado nas apresentações:

- A cada 28h morre um homossexual de forma violenta no país. Sou lésbica,

você me abraça ou me mata?

- A taxa de feminicídio no Brasil é a quinta maior do mundo. Sou mulher, você me abraça ou me mata?
- E dessas mulheres, 66,7% são negras. Sou negra, você me abraça ou me mata?
- 85% das mulheres brasileiras têm medo de sofrer violência sexual. Fui estuprada, você me abraça ou me mata?
- Sou trans, você me abraça ou me mata?

Letra da música “Amianto” do Supercombo

Moça, sai da sacada
 Você é muito nova pra brincar de morrer
 Me diz o que há
 O quê que a vida aprontou dessa vez?

Venha, desce daí
 Deixa eu te levar pra um café
 Pra conversar, te ouvir
 E tentar te convencer

Que a vida é como mãe
 Que faz um jantar e obriga os filhos a comer os vegetais
 Pois sabe que faz bem
 E a morte é como um pai
 Que bate na mãe e rouba os filhos do prazer de brincar
 Como se não houvesse amanhã

Moça, não olha pra baixo
 Aí é muito alto pra você se jogar
 Vou te ouvir
 E tentar te convencer
 (Somos programados pra cair)

Mas, tudo bem
 Nem sempre estamos na melhor

Moço, ninguém é de ferro
 Somos programados pra cair

Depoimentos sobre a participação em “Você me abraça ou me mata?”

Os depoimentos estarão classificados por nomes genéricos.

1. Ana Letícia

Quando criança sofri violência sexual por um familiar muito próximo e seus amigos também. Aconteceu dos 7 aos 16 anos aproximadamente. Durante toda a minha infância, adolescência e até na vida adulta carreguei uma culpa que não era minha. Acreditei com muita certeza que tinha algo de errado comigo, que talvez meu comportamento espontâneo e alegre desse abertura pra que esses abusos acontecessem.

Você me abraça ou me mata? me fez ver que eu não estava sozinha, embora aliviada, senti compaixão por todas as mulheres que foram e são obrigadas a vivenciar na pele diversos tipos de abusos.

Você me abraça ou me mata? me mudou muito. Antes de assistir e até participar da performance, eu pouco sabia sobre números/estatísticas de violência contra mulher, negros e transexuais. Embora a apresentação em si não fosse apenas contra a violência cometida contra esses grupos de pessoas, eles, especificamente, me chamaram a atenção.

A cada apresentação eu sentia mais vontade de aprender, de ajudar mulheres que passaram pelo mesmo que eu; de encorajar colegas e amigos a serem quem são, a não terem medo ou só de ouvir essas pessoas e dizer que tudo ficaria bem. Aprendi muito com a coragem dos integrantes tão jovens da Cia de Teatro Mythos. Com a dedicação deles, com o compromisso que eles tinham de querer se aperfeiçoar. Me comovi com a força que todos tinham para contar suas histórias, pra mostrarem que existiam e existem e lutam para serem aceitos e felizes do jeito que são.

Dentro do “palco” eu esquecia minhas dores pra poder ouvir a dor do outro, pra entender o outro, pra ajudar o outro. Vou levar isso durante a vida inteira.

2. Pietro

Entrar no grupo de teatro de início me pareceu algo completamente fora da minha realidade, nunca foi algo que imaginei fazer como hobby. Com o passar do tempo fui me encantado por todo o processo desde o preparo até a

apresentação e feedback dos espectadores.

A performance "Você me abraça ou me mata?" foi algo muito especial pra mim e para minha evolução enquanto pessoa. Pude ver as experiências pessoais dos espectadores que escolheram desabafar conosco, pude falar um pouco sobre a minha história e todo meu processo de identificação e empoderamento. Toda a experiência de entrar num grupo de teatro e apresentar me enriqueceu muito e me deu uma visão diferente do mundo e do quão importante é pra expressão individual e coletiva na arte.

Agradeço pelo que vivi no grupo e será uma experiência que irei levar pro resto da minha vida.

Fotos



Apresentação na E.M. Amadeu Araújo, Lagoa Azul.



Apresentação no Centro Educacional Teresa de Lisieux, Capim Macio.



Apresentação na Casa do Cordel, Cidade Alta.

Azul Turquesa

Texto utilizado na cena 2

Todos os atores recitam um trecho do texto.

Olá, tenho 15 anos
 Pareço feliz, não é?
 Pois é, não sou!
 O colégio é um lugar legal, não é?
 Você vai... Encontra seus amigos...
 Conversa, dá risadas...
 Lá no meu colégio...
 Também são risadas...
 Riem de mim!
 Me xingam, me ofendem...
 Fazem brincadeiras de mal gosto,
 E na maioria das vezes...
 Me agridem fisicamente...
 Sou vítima do bullying!
 Há muitos anos...
 Já pensei em abandonar os estudos...
 Me isolar e até mesmo em...
 Me matar!
 Infelizmente... As ofensas
 Já fazem parte dos meus dias!

Indestrutível – música utilizada na cena 3

Composição: Pablo Vittar

Eu sei que tudo vai ficar bem
 E as minhas lágrimas vão secar
 Eu sei que tudo vai ficar bem
 E essas feridas vão se curar

O que me impede de sorrir
 É tudo que eu já perdi
 Eu fechei os olhos e pedi
 Para quando abrir a dor não estar aqui mais
 Sei que não é fácil assim, mas
 Vou aprender no fim
 Minhas mãos se unem para que
 Tirem do meu peito o que é de ruim
 E vou dizendo

Tudo vai ficar bem
 E as minhas lágrimas vão secar
 Tudo vai ficar bem

E essas feridas vão se curar

Eu sei que tudo vai ficar bem!
Tudo vai ficar bem!

Se recebo dor, te devolvo amor
Se recebo dor, te devolvo amor
E quanto mais dor recebo
Mais percebo que eu sou
Indestrutível

Oração – letra da música cantada ao fim de nossos espetáculos
Composição de Leo Fressato

Meu amor, essa é a última oração
Pra salvar seu coração
Coração não é tão simples quanto pensa
Nele cabe o que não cabe na despensa

Cabe o meu amor
Cabem três vidas inteiras
Cabe uma penteadeira
Cabe nós dois

Cabe até o meu amor, essa é a última oração
Pra salvar seu coração...

Depoimentos sobre a participação em “Azul Turquesa”

Os depoimentos estarão classificados por nomes genéricos.

1. Cássia Fernanda

O *Azul Turquesa* proporcionou mudanças em mim desde o processo de criação e desenvolvimento do espetáculo. A sensação de ver as ideias da sua cabeça juntando-se as dos seus colegas e criando forma é meio inexplicável, é algo semelhante a satisfação, só que mais. Porém, posso dizer que isso fez com que eu enxergasse um potencial em mim que até então havia deixado de notar, outra coisa que enxerguei foi o quão importante é estar em sintonia com o grupo com quem você trabalha, ou desenvolve algo, ganhei bastante experiência sobre esse lance de convivência em grupo - o que, convenhamos, não era muito meu forte. Contudo, as mudanças não foram todas, digamos

que, técnicas(?), em quesito pessoa e humanidade, houve um progresso satisfatório, um amadurecimento bacana, sabe? Tive a oportunidade de moldar e remodelar meus pensamentos, conceitos e pré-conceitos, aderi, de maneira mais intensa, um olhar sensível e atencioso para as pessoas e situações em minha volta.

Daí vem as apresentações, que é aquele momento de por toda construção em prática pra valer. É impossível não ficar, pelo menos um pouco, nervosa antes de cada uma, contudo era reconfortante saber que todos os meus amigos estariam apresentando junto comigo. Os momentos antes do espetáculo eram bem interessantes, tinha as conversas, a caracterização, a parte de testar o espaço que a gente utilizaria, e também havia a parte de resolver os imprevistos, os bastidores sempre movimentado, e em partes é algo bem positivo, pois me distraia da tensão do que viria mais tarde, por outro lado poderia causar o efeito oposto, depende do clima de toda agitação. Daí vem também a preocupação com o público, que tipo de público seria, como reagiria os receptores da nossa mensagem, que efeito o *Azul Turquesa* causaria na vida de cada um. Daí vem a hora da verdade, aquela vontade de que dê tudo certo, a busca pela concentração e a guerra interna contra o nervosismo e as armadilhas que ele espalha pela minha mente. Uma coisa inédita que aprendi ao decorrer das apresentações foi que é possível sentir o público, sem que ele fale explicitamente, é possível ter uma ideia do quanto ele foi tocado, só de vislumbrá-lo durante um movimento e outro, apenas ao ouvir os sons que soltam sem sequer perceber. Quando eu estou apresentando é como se aquilo fosse tudo, é intenso, parece uma eternidade, e quando acaba tenho a impressão que tudo ocorreu rápido demais. Por fim, depois que terminamos, fica aquela sensação de dever cumprido. Para mim é como se eu tivesse vencido uma batalha e cumprido uma missão.

2. Julio César (escrito em versos de rap)

Coloquei até uma base para tocar, evoluiu toda a minha cabeça
 A mesma base que eu consegui na Mythos é realmente foi lá, mas agora sim
 eu tenho uma história pra contar
 Tudo começou lá em dois mil e dezoito, conheci muita gente bacana
 Esse rolê foi muito doido, ri pra caramba

Se a Mythos não existisse eu tava perdido nesse mundão
 Eles foram um dos poucos que conseguiram me levantar estendendo a mão
 Quando comecei não falava com quase ninguém, com as oficinas que tinha
 meu mundo foi pro além
 Mas eu não fiquei alienado deixei até a vergonha/timidez um pouco pro lado,
 graças ao grupo de teatro
 Agora vamos falar um pouco sobre o azul turquesa oh peça linda de se ver
 Foi apresentado em escolas, biblioteca e só faltou sair na TV
 É difícil falar sobre o bullying isso é verdade
 Infelizmente isso ainda se encontra na nossa realidade
 A peça veio com um ritmo forte ao opressor
 Olhamos para os lados até adulto e criancinha chorou
 Sou Mc Cezinha ex-integrante da Mythos, mas sempre estarei presente pode
 pá
 Mas uma coisa eu tenho certeza que vou te falar
 Mudamos o pensamento de geral com uma simples peça que é um dos únicos
 jeitos que conseguimos de se expressar.

3. Vanessa

Eu sempre gostei muito do *Azul Turquesa*, ele me chamava bastante atenção, e sempre que tinha uma apresentação eu dava um jeito de sentar bem na frente, mas nunca conseguia, agora eu sou muito grata por fazer parte desse grupo!!! Eu não vou falar todas as razões de que eu sou muito grata por esse grupo, mas uma das razões foi: Que vocês me fizeram superar quando eu sofria bullying, enfim quando eu fui fazer a aula experimental eu gostei então eu fiquei até que um dia Rafaely estava na oficina, eu gostei de ver ela lá mas a oficina daquele dia eu cheguei em casa toda dolorida, se bem que foi assim até eu me acostumar, eu iria fazer parte do Saltimbancos, mas Rafaely falou com Matheus e perguntou se eu queria fazer parte do *Azul Turquesa* também, e eu não perdi tempo falei logo na lata que sim, e depois de um tempo começaram a falar de uma tal apresentação no Dom Bosco, até que chegou o dia na hora eu comecei a tremer e Lucas me abraçou e falou: É normal sentir medo, nervosismo por que é sua primeira vez. Mas correu tudo bem e eu, como eu disse, não tenho palavras para dizer o quanto eu sou grata por vocês

terem me ajudado a sair de várias situações ruins da minha vida...

Fotos



Apresentação na E.M. Maria Madalena, Lagoa Azul.



Apresentação na E.M. Maria Madalena, Lagoa Azul.



Apresentação na E.M. Maria Madalena, Lagoa Azul.



Apresentação na SEEC/RN, Lagoa Nova.



Apresentação na SEEC/RN, Lagoa Nova.

Alguns relatórios de encontros e apresentações

1. Isaías Jack

Bem no último ensaio, que aconteceu no dia 02/08 que foi na quinta-feira, foi muito maravilhoso pois a ausência de Rafaely permanecia, e não foi só eu que achei isso, era só o que eu escutava de Sarah "AI É TÃO BOM SEM RAFAELY NÉ GENTE? UMA TRANQUILIDADE", bem vamos ao que interessa né. Lucas começou com alguns exercícios, e depois fomos todos fazer uma espécie de dinâmica que Lucas pediu pra todos fazer, que envolvia os tais sentimentos: MEDO, RAIVA, ALEGRIA, PAIXÃO e outros que eu não lembro. Depois disso, que eu não sei se tá na ordem certa!, Lucas passou a bola pra a maravilhosa Fran!, que nesse "comando" passou um "exercício" que nele existia a sebosa, ***, ***, sem vergonha que por culpa dela passei uma vergonha, é ela a PRANCHA e a vergonha, bem todo mundo sabe a PRANCHA precisa de muita força né, então, antes da maravilhosa Fran falar que ia ser esse exercício FDP eu fiquei com aquela vontade de soltar um pum e eu sabia que ia ser alto e bote alto nisso, pronto foi essa a vergonha que eu

passei, tava todo mundo né normal fazendo tudo certinho a praga da PRANCHA quando de repente ploooft, o retardado aqui soltou um pum bem alto e passei vergonha porque tava todo mundo rindo da minha cara de c*. Então depois desse exercício FDP fomos fazer um negócio de correr, agachar 5 vezes. E eu não lembro mas de nada.

2. Isaías Jack

23/08/18

Rafaely marcou de todos está na escola de 12:30hs, chegaram alguns atrasados como eu, Lucas e Sarah. Bem, chegando lá na escola Rafaely nos maquiou e fizemos pequenas adaptações, pois Abigail não estava presente pois aconteceu uns babados ali né, então fiz o papel de Abigail e arrasei, não só eu mas todos nós arrasamos, voltando lá pra escola, fomos de Van, o homem lá do "Bom dosco" veio nos buscar de van de 13:30hs, veio ele e a professora Milla(Milena), fomos embora.

Chegando lá estávamos muitos nervosos Fran a tempo de cair no chão kkkkk, e fomos para a maravilhosa sala de dança do "Bom dosco", ensaiamos fomos maravilhosos ensaiando. Não tinha nada pra fazer, Rafa pediu a Lucas que fizesse com a gente um exercício de concentração e fizemos. Depois disso chegou a hora de irmos pra o Ginásio Poliesportivo "Bom Dosco", que foi onde apresentamos. Depois da apresentação tiramos fotos com todo mundo. Depois fomos lá na diretoria e ela deu certificados pra nós todos e também deu um saco de pirulitos pra gente. Trocamos de roupa, e fomos pro pátio, eu fui pra sala de jogos e Lucas e Sarah foram jogar vôlei, Rafaely, Fran, Amanda e Jessica ficaram sentadas em uma calçada que tinha lá. Depois tocou e fomos lanchar e depois fomos pra escola de Van.

3. Lucky Silva

23/11/2018

Cheguei na escola e fomos todos nos maquiar, eu estava bastante feliz (apresentações me deixam assim), então me maquiei e fiquei tirando foto enquanto Rafa enchia meu saco pra colocar a calça, quando acabamos, tiramos foto e a Van chegou (me senti foi importante) chegando no Dom Bosco

fomos pra sala de dança e puta merda, que sala viu, aquele espelho maravilhoso senhor, fiquei deslumbrado, sonho de consumo. Ensaiamos e foi um pouco cansativo, depois de ensaiar 3 vezes, fizemos um exercício de concentração (e que saudade da oficina) então chegaram e nos chamaram, fomos andando até o ginásio com Rafa no nosso pé não deixando a gente falar com ninguém. Chegando no ginásio só vi aquela reca de criança entrando que nem doidos, foi aí que comecei a ficar preocupado em errar algo e todos rirem ou algo assim, então fomos lá pro meio e as crianças foram se ajeitando em meia lua. Quando já estavam todos sentados nós começamos, eu tava com muito medo manooo, em nenhuma apresentação tinha ficado com tanto medo, porém olhei pra cara das crianças e lembrei que eu sempre consegui sem errar e não seria naquele dia que eu ia errar! Fiz o meu melhor e na hora da corda eu olhei pras criancinhas e mano, eles estavam paralisados kakaka, não sei mas achei incrível, na hora de dar os abraços ficaram todos "eu quero", "me dá um abraço", "vem aqui" e me senti tão feliz por estar sendo reconhecido. Acabamos e todos os professores nos elogiaram. Quando saímos do ginásio fomos na secretaria e conversamos com a mulherzinha lá e ela me elogiou (minha autoestima foi no céu e lá ficou), quando andei pelo Dom Bosco as crianças ficaram me abraçando e TODOS os professores me elogiaram. Comemos junto com as crianças e no refeitório saí distribuindo abraços (amey dmssss) fomos embora de van de novo. Foi uma das melhores apresentações cara, o público show e os professores mais ainda.

Obs: ganhamos um saco de pirulito e teve um menininho que me deu bem uns 3 abraços * - *

4. Lenne Silva

Nesse dia 26 de agosto de 2018, nós realizamos nossa segunda apresentação. Dessa vez foi na Biblioteca da Itapetinga, mas a princípio nos encontramos antes, para que assim fôssemos todos juntos. A maioria se encontrou na escola, só que a senhora the feretona aqui ficou aguardando no Terminal do 64. E eis que eu fiquei sozinha lá, por que, por que?! Porque eu cometí a jeguisse de dizer para Jeff que eu iria chegar lá de 13:40/50 ao invés de DOZE:40/50, daí o menino apareceu uma hora depois que eu. RESUMINDO!!! tudo questão de problemas técnicos né minha gente. Ok,

vamos focar na parte em que eu saí do terminal, que foi exatamente no momento em que Rafa a lá Xuxa passou para buscar-me (a baixinha que faltava) em sua nave, MENINA SAI DA FRENTE QUE EU TÔ USANDO E ABUSANDO DA MINHA LICENÇA POÉTICA!!! tá bom, já chega, continuando.

Quando todos chegaram ao local da apresentação, com exceção de Jeff, (risos, lembram dos problemas técnicos né? Então) nos acomodamos em uma saleta e partimos para caracterização. Foi nesse meio tempo de se trocar e maquilar que notei duas presenças inéditas, Alan e A-namorada-de-Sarah-que-eu-não-lembro-o-nome. Mas, e então jovens, Rafaely ficou responsável pela parte mais complexa da maquiagem de todos nós, e a bisha leva jeito.

Desde o início, já sabíamos que teriam outras apresentações, por causa disso, após concluirmos tooooooda a arrumação, nos dirigimos ao auditório. A primeira apresentação foi sobre consciência negra, que na minha opinião foi ótima, e dando seguimento teve uma apresentação com menininhas super fofas. Eu estava lá, de boa na lagoa, assistindo uma das apresentações quando PAH!! começou a bater um nervosismo desgraçado, mas tem uma coisa que você precisa saber meus caros e preciosas, não há nada tão ruim que não possa piorar, pois foi, um tantinho de tempo depois, Rafa surge dizendo: "Vocês. vão. apresentar. para. secretária. de. educação." Foi aí que eu notei a mulérzinha que tinha chegado (ATRASADA), contudo, eu sou, ainda sim, um ser humano muito abençoado, porque a secretária só assistiu uma apresentação, tirou foto com os inocentes pra poder postar nas redes sociais e foi embora, logo eu não fui obrigada a apresentar, com todo meu glamour e fragrância de sucesso, para ela ("a mas pra quê essa revolta?" tô magoada, me deixa pô).

Por um momento eu achei que nossa vez não iria chegar, fizemos nosso ritual e nada, mas aí ela chegou, e bem nesse momento Jeff chegou ("problemas técnicos pro passado e além" já dizia o poeta Busy). Engoli o nervosismo e fui. Foi bem louco, quando eu comecei a entrar no palco o nervosismo diminuiu 50%. Preciso ressaltar que fiquei contente com os fatos de que as adaptações deram bem certinho, e de que nenhuma alma tenha caído do palco. Quando terminei de colar os xingamentos, o nervosismo estava em 15%, mas foi uma pequena porcentagem que me fez esquecer de abraçar as pessoas na hora de entregar os lacinhos. Por fim, seguramos uns nas mãos

dos outros de frente para o público e cantamos a música de sempre, Oração, aí plim! Nervosismo já passava longe.

Depois de alguns trocarem de roupas, todos se reuniram para assistir os restantes das apresentações. Ficamos até o finzinho do evento.

No spin-off do relatório sobre apresentação você fica sabendo que todos nós lanchamos, eu vi o pôr do sol pela primeira vez em meus 15 anos de existência, ficamos um pedacinho de tempo no terminal, eu peguei o ônibus lá mesmo e não sei mais o que meus queridíssimos Mythos aprontaram depois.

5. Lucky Silva

03/11/2018

Eu estava na sala de Rafaely e então já sai com ela, andando pelo primeiro corredor já vi Fran arrumando a sala no outro corredor. Rafaely entrou pra aquele local que fica diretoria, secretaria, coordenação e sala dos professores e eu fiquei lá fora conversando com Jeff e depois Fran veio até nós e ficamos conversando. Isaias chegou, passou por nós e foi pra sala que estava Allan arrumando. Ai Rafaely saiu de lá do cantinho e deu uma bronca em mim por eu estar conversando em vez de estar arrumando, então peguei o balde enchi e levei. Cheguei lá troquei de roupa na frente dos meninos mexmo, e fui pegar outro balde de água, cheguei e não precisava mais de água mas joguei lá de qualquer jeito. Todos chegaram e fomos lê os relatórios, passamos bem 30 minutos só lendo relatórios e em seguida ocupamos um lugar qualquer e ficamos sentados e Rafa distribuiu uns papéis com a letra de uma música, fiquei lindo e a música realmente me tocou, chorei um pouco mas tudo bem. Depois Rafa apagou a luz e pediu pra fechamos os olhos, e irmos nos expressando aos poucos, dito e feito. fomos nos expressando e teve um momento que Rafa pediu pra a gente nos sentir como se estivéssemos afundando e depois tínhamos uma escolha, sair do fundo ou ficar lá. Escolhi sair e me libertar né, fui me expressando quando a isso e derramei algumas lágrimas ao longo da dinâmica, ela pediu pra a gente interagir e então ela foi falando uns nomes e de acordo ela falava a pessoa ia se expressar, não consegui muito me expressar junto de Allan mas vida que segue. Fui me expressar com Jeff e quis passar pra ele novamente que ele não estava sozinho, foi bem interessante essa parte, Rafa pediu pra irmos dando Tchau,

mas eu e Jeff continuamos e depois de um bom tempo paramos e entramos na roda. Falamos os pontos positivos e negativos da oficina e Fran correu pra parada, ajeitamos a sala e fomos até aquele local que citei no começo (onde tem a diretoria, secretaria, coordenação e sala dos professores) pegamos o comer dos gatos e fomos lá colocar, mas antes tinha um EMBUSTE LAZARENTO FI DA EGUA mexendo comigo e então eu dei um tranca nele risos. Fomos embora e eu acho que essa foi a dinâmica que mais me emocionou.

6. Allan

Hoje, dia 29.08.19, apresentamos de novo no Dom Bosco, agora de manhã e de tarde. Começou com eu chegando primeiro do que todos né porque eu sou uma pessoa responsável e todo mundo sabe disso. Passou uns minutos e o povo chegou, troquei de roupa e Rafaely começou a me maquiar, fiquei pronto e os outros também. Chegamos no Dom Bosco e fomos preparar tudo, tiramos fotos, ficamos nos amostrando no espelho e a hora de apresentar chegou.

Manhã: Vitória estava muito nervosa e quase chorando, mas conseguimos acalmar ela, quando fomos para os nossos lugares, os homofóbicos começaram e eu nem liguei. Tudo ocorreu bem, foi maravilhoso, menos a parte que a fita se enfiou dentro da minha calça. Tiramos fotos, abraçamos o povo e recebemos vários elogios por causa da apresentação. Fomos nos trocar, íamos tomar banho no banheiro dos professores, mas não deixaram, então tomamos banho no banheiro que todo mundo usa.

Tarde: Nos trocamos e nos maquiarmos de novo, dessa vez quem ia apresentar era: eu, Sarah, Isaias, Kayllane e Carol. Deu tudo certo de novo, junto com as fitas é claro. Tiramos fotos com as pessoas e assistimos uma apresentação da banda da Marinha do Brasil. Foi muito top, adorei o dia.